



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**CÂMPUS DE PORTO NACIONAL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LITERÁRIOS**

JAIR SEVERINO DO NASCIMENTO

**PROJETO LITERÁRIO NO ENSINO DE LITERATURA NA EJA:  
UM BIOSCÓPIO E O SILENCIAMENTO DA LITERATURA PELA BNCC**

**Porto Nacional**  
**2022**

**JAIR SEVERINO DO NASCIMENTO**

**PROJETO LITERÁRIO NO ENSINO DE LITERATURA NA EJA:  
UM BIOSCÓPIO E O SILENCIAMENTO DA LITERATURA PELA BNCC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPG – Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus de Porto Nacional, em cumprimento à exigência para obtenção do título de mestre.

**Orientador:** Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig

**PORTO NACIONAL**

**2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- N244p Nascimento, Jair Severino do.  
Projeto Literário no Ensino de Literatura na EJA: Um Boscópio e o Silenciamento da Literatura na BNCC. / Jair Severino do Nascimento. – Porto Nacional, TO, 2022.  
89 f.  
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2022.  
Orientador: Carlos Roberto Ludwig  
1. Projeto Literário. 2. Obras Literárias Filmicas. 3. Silenciamento da Literatura. 4. Ensino de Literatura na EJA. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**JAIR SEVERINO DO NASCIMENTO**

**PROJETO LITERÁRIO NO ENSINO DE LITERATURA NA EJA:  
UM BIOSCÓPIO E O SILENCIAMENTO DA LITERATURA PELA BNCC**

**Aprovada em: 16 / 12/2022**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig**  
**Orientador (UFT-PPG-Letras)**

---

**Prof. Dr. Odi Alexandre Rocha da Silva**  
**Avaliador Externo (Unitins)**

---

**Profa. Dra. Rubra Pereira de Araújo**  
**Avaliadora Interna (UFT-PPG-Letras)**

---

**Profa. Dra. Neila Nunes de Souza**  
**Avaliadora Interna (UFT-PPG-Letras)**

*“A vida não é um conto de fadas, um romance, ou uma crônica... a vida é aquilo que estivermos dispostos a escrever a respeito dela... mas conscientes de que essa vida pode ser reescrita todos os dias quando acordamos e sabemos o que queremos para ela...”*

***Jair Nascimento***

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida e por me permitir participar desse sonho. Obrigado por seu infinito amor ao próximo e, pela força que me fez não desanimar mesmo nas horas que pensei em desistir. Aos meus pais José Severino do Nascimento (in memoriam) e Luzenilda Pereira do Nascimento, que foram os idealizadores de um filho estudante na busca por um futuro brilhante. Ao meu tio Antônio Pereira de Oliveira, que pagou meu curso de licenciatura para que eu me tornasse o profissional que sou hoje. A minha amada irmã, Almiragi Pereira do Nascimento, que cuidou e cuida até hoje da minha família com todo carinho para que eu possa, mesmo distante ficar tranquilo em relação a eles.

Ao professor Dr. Carlos Roberto Ludwig, por acreditar no meu potencial, pela orientação, competência, profissionalismo e dedicação.

À banca de qualificação e defesa, Professor Odi, Professora Rubra e Professora Neila, pela generosidade, pela leitura atenta e pelas considerações para a minha pesquisa.

Aos meus amigos que não me permitiram fraquejar nem desistir dessa vitória, em especial os amigos (irmãos) Sérgio Pereira de Lima, Edsom Rogério Silva, Dr. José Maria Lima, Jaires Aquino Barros, José Pereira Filho, alguns desses que já passaram primeiramente por essa etapa da vida e me deram força para não desanimar. Aos amigos de sala, parceiros dos estudos de mestrado, Erlan, Joice Paulina, Juliana Assis e Juliana Macedo, ao meu irmão Almir Severino do Nascimento e sua esposa Andreia Silva de Vasconcelos por me trazerem para o Tocantins, onde todos os meus sonhos começaram a se realizar de forma concreta.

A todos que de alguma forma contribuíram para o fortalecimento de meus objetivos na busca pelo conhecimento e, me ajudaram direta ou indiretamente realizar meus sonhos. Por fim, agradeço a vida, por me proporcionar tantos aprendizados e realizações que tornou meus sonhos em busca pela sabedoria e pelo aperfeiçoamento pessoal.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EJA: Educação de Jovens e Adultos

UFT: Universidade Federal do Tocantins

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

MEC: Ministério da Educação e Cultura.

FNDE: Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação.

LNDB: Lei Nacional de Diretrizes e Bases.

## RESUMO

A presente pesquisa apresenta a experiência de projeto literário no ensino de literatura na EJA, retratadas de forma fílmica, numa tentativa de aproximar o aluno das palavras impressas através da cinematográfica. Esses estudos buscam trazer o letramento e sequenciamento literário como processo de ensino aprendizagem nas turmas da EJA, para torná-los leitores que valorizem as diferentes linguagens. Para tanto, coloca-se as seguintes perguntas de pesquisa: é possível desenvolver um trabalho voltado para a leitura e projeto literário com sequência didática de literatura na EJA? O letramento e o projeto literário na sequência didática podem ser utilizados para limar a aliança através desse bioscópico? De que forma ocorre o silenciamento da literatura no Ensino Médio? O objetivo dessa pesquisa é a discutir o ensino de Literatura na EJA, seu silenciamento pela BNCC, apresentando uma proposta de projeto literário no ensino de literatura a partir de obras fílmicas. Para se alcançar os objetivos gerais, foram selecionados os seguintes objetivos específicos: a) fazer uma análise o papel da literatura no ensino na EJA, considerando questões como leitura, letramento literário e sequencia didática; b) discutir o silenciamento da Literatura no ensino da EJA; c) propor um projeto literário no ensino de literatura na EJA de obras literárias e fílmicas para o ensino de literatura na EJA. Assim, a dissertação é desenvolvida sob essa perspectiva de a pesquisa utilizar a literatura alinhada ao cinema para o desenvolvimento dessa proposta. Contamos como instrumentos de pesquisa as discussões de alguns teóricos, tais como Freire (2000), Cosson (2006), Brandão (2018), Pintrich (2003), dentre outros. Os estudos dos referidos autores também corroboraram as análises sobre a elaboração dos materiais a serem utilizados no projeto literário no ensino de literatura na EJA e assim, poder influenciar na prática do ensino de literatura. A presente pesquisa discute também o silenciamento da literatura pela BNCC e pela reforma do ensino médio. Esse silenciamento é verificado, pois a disciplina de literatura foi excluída do currículo pela BNCC e pela reforma do ensino médio, figurando apenas como nove habilidades generalistas na BNCC. Além disso, o ensino de literatura na EJA enfrenta problemas como falta de materiais, carga horária reduzida e ausência de diretrizes curriculares para o ensino de literatura.

**Palavras-Chave:** Projeto literário. Obras Literárias Fílmicas. Silenciamento da Literatura. Ensino de Literatura na EJA.

## ABSTRACT

This research presents the experience of a literary project in the teaching of literature in EJA, portrayed in a filmic way, to bring the student closer to printed words through cinematography. These studies seek to bring literacy and literary sequencing as a teaching-learning process in EJA classes, to make them readers who value different languages. To this end, the following research questions are posed: is it possible to develop a work aimed at reading and a literary project with a didactic sequence of literature in EJA? Can literacy and the literary project in the didactic sequence be used to close the alliance through this bioscope? How does the silencing of literature occur in high school? The objective of this research is to discuss the teaching of Literature in EJA, its silencing by the BNCC, presenting a proposal for a literary project in the teaching of literature based on filmic works. In order to achieve the general objectives, the following specific objectives were selected: a) to analyze the role of literature in teaching in EJA, considering issues such as reading, literary literacy and didactic sequence; b) discuss the silencing of Literature in the teaching of EJA; c) propose a literary project in the teaching of literature in the EJA of literary and filmic works for the teaching of literature in the EJA. Thus, the dissertation is developed under this perspective of the research using literature aligned with cinema for the development of this proposal. We count as research instruments the discussions of some theorists, such as Freire (2000), Cosson (2006), Brandão (2018), Pintrich (2003), among others. The studies of these authors also corroborated the analyzes on the elaboration of the materials to be used in the literary project in the teaching of literature in EJA and, thus, being able to influence the practice of teaching literature. This research also discusses the silencing of literature by the BNCC and by the reform of secondary education. This silencing is verified, as the discipline of literature was excluded from the curriculum by the BNCC and by the reform of secondary education, appearing only as nine generalist skills in the BNCC. In addition, teaching literature in EJA faces problems such as lack of materials, reduced workload, and lack of curricular guidelines for teaching literature.

**Key-words:** Literary project. Filmic Literary Works. Silencing on Literature. Teaching Literature at EJA.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
	<b>O Bioscópico.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>2 A LEITURA E A EJA.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>Contexto Histórico da EJA.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>Tipos de Motivação.....</b>	<b>20</b>
<b>2.3</b>	<b>Leitura.....</b>	<b>22</b>
<b>2.4</b>	<b>O que é leitura.....</b>	<b>24</b>
<b>2.5</b>	<b>O ato de ler e os sentidos, as emoções e a razão.....</b>	<b>25</b>
<b>3</b>	<b>A LITERATURA E A EJA.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1</b>	<b>Literatura: é conhecimento.....</b>	<b>28</b>
<b>3.2</b>	<b>Literatura e Cinema.....</b>	<b>30</b>
<b>3.3</b>	<b>Literatura e Cinema na sala de aula.....</b>	<b>32</b>
<b>3.4</b>	<b>A Literatura por direito.....</b>	<b>35</b>
<b>3.5</b>	<b>Silenciamento da Literatura na BNCC e na Reforma do Ensino Médio..</b>	<b>37</b>
<b>4</b>	<b>PROJETO LITERÁRIO NA EJA .....</b>	<b>44</b>
<b>4.1</b>	<b>Materiais Didáticos no Ensino de Literatura na EJA.....</b>	<b>44</b>
<b>4.2</b>	<b>Letramentos.....</b>	<b>46</b>
<b>4.3</b>	<b>Letramento Literário.....</b>	<b>49</b>
<b>4.4</b>	<b>Gêneros Textuais e Literários.....</b>	<b>53</b>
<b>4.5</b>	<b>Projeto Literário na EJA.....</b>	<b>57</b>
<b>4.6</b>	<b>Proposta de Atividades para o Ensino de Literatura na EJA.....</b>	<b>61</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>84</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>

## 1 INTRODUÇÃO

### O Bioscópio

Na Inglaterra, as casas de cinema eram conhecidas originalmente como “O Bioscópio”, por apresentar visualmente o movimento real das formas da vida (do grego *bios*, modo de vida). O cinema, pelo qual enrolamos o mundo real num carretel para desenrolá-lo como um tapete mágico da fantasia, é um casamento espetacular da velha tecnologia mecânica com um novo mundo [...]. (MCLUHAN, 1964. p. 319)

Partindo dessa citação, esta dissertação busca estabelecer a relação entre a sequência didática no ensino de literatura na EJA, retratando a ficção e a realidade de forma fílmica e a experiência que aproxima a palavra impressa através da cinematográfica, pois os filmes são roteiros de textos comprometidos com a forma em que o livro se apresenta, mas também são passíveis de adaptações. O cinema através das obras retrata a vida ao nosso redor e nos transporta como telespectador ao mundo recriado pelo filme. A literatura levada através do cinema para a sala de aula tem o poder de remeter o leitor ou telespectador de seu mundo para o ficcional retratado pelo filme, observado por Mcluhan (1964. p.323). Comparado a outros meios, como a página impressa, o filme tem o poder de armazenar e mediar uma grande quantidade de informação. Assim se mostra como um recurso muito promissor quando utilizado em sala de aula, para suprir a falta de tempo que decorre nas turmas da EJA. A acessibilidade que o cinema nos proporciona através de seus trabalhos são enormes, e que podem difundir obras clássicas como atuais, e trazer o mundo aos olhos dos nossos alunos no curto espaço de tempo, que a leitura do livro impresso muitas vezes não proporciona.

Quando pensamos em leitura e literatura difundida de forma mais rápida e abrangente nas salas de aulas da EJA, automaticamente buscamos por recursos que facilitem esse trabalho. Além disso, dentre tantos outros recursos, nos deparamos com a utilização do cinema na educação. Não que seja fácil, principalmente para as escolas que não dispõem desse tipo de material. Para tanto, coloca-se as seguintes perguntas de pesquisa: é possível desenvolver um trabalho voltado para a leitura e sequência didática de literatura na EJA? O letramento literário e a sequência didática literária podem ser utilizados para limar a aliança através desse bioscópio? De que forma ocorre o silenciamento da literatura no Ensino Médio? Estas perguntas que pretendo responder

no discorrer dessa dissertação dos estudos do Programa de Pós-Graduação e Mestrado em Letras, da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

O ensino de literatura vem se tornando uma tarefa muito árdua no momento em que recursos didáticos tem se tornado escassos na EJA, a tecnologia por exemplo, nos tem motivado como nova fonte de ensino aprendizado e, que muitas vezes se mostra diferente quando não dispomos dela para utilização no desenvolvimento de atividades em que o aluno possa utilizá-la de forma mais efetiva, visto as limitações ainda encontradas.

É previsto na LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96) que deverá ser oferecido oportunidades educacionais apropriadas às características dos alunos. Contudo, a realidade dentro das escolas, em sua maioria, é outra. As escolas muitas vezes não dispõem dos materiais necessários para desenvolver aulas mais dinâmicas que contribuam para a melhoria do ensino. Em suma observamos que nossos alunos demonstram interesse e são participativos, porém o que dificulta o processo de ensino aprendizagem é o tempo reduzido de aulas para o ensino de literatura, visto que essas aulas noturnas costumam ser num tempo muito reduzido em relação ao atraso dos alunos que, além de alguns estarem a um bom tempo afastados da escola, outros por vezes vêm direto do trabalho para a sala de aula.

Nesse contexto o professor se sente desafiado a se atualizar e transformar suas aulas mais didáticas e flexíveis para que os alunos tenham interesse e facilidades de alcançar os conteúdos de forma mais objetiva, rápida e acessíveis. Neste sentido, “a escola tem importante papel a cumprir na sociedade, ensinando os alunos a relacionar-se de maneira seletiva e crítica com o universo de informações a que têm acesso no seu cotidiano.” (BRASIL, 1998. p.139). Essa relação está diretamente ligada ao ensino de literatura, é através dela que o aluno enxerga o mundo a sua volta. Quando distribuimos os conteúdos mais diversos através das obras literárias, um leque de opções se abre para desenvolver os conhecimentos e habilidades linguísticas, que por meio de sua mediação, pode-se estabelecer como referência para a autonomia do aluno e o meio em que ele vive.

É para contribuir na qualidade do ensino, que o letramento e sequenciamento didático na literatura de turmas da EJA deve ser realizado por meio de estratégias que habilitem a um trabalho em conjunto com outros profissionais de forma a atingir o máximo de disciplinas que possam ser englobadas na sua utilização. Se pensarmos que

essa literatura pode de forma muito mais rápida sequenciar conteúdos de diversas outras áreas de conhecimento, e através dessa leitura constituímos assim um desafio, estaremos criando um ambiente favorável à aprendizagem.

Nesse sentido, trazer o letramento e sequenciamento literário como processo de ensino aprendizagem nas turmas da EJA, se mostra necessário para esses alunos, tornando-os leitores competentes, para que valorizem as diferentes linguagens. E assim, refletir diante de sua vida social e cultural, com significados para uma aprendizagem mais qualitativa.

Os estudos a seguir são apresentados em virtude dos questionamentos obtidos em sala de aula enquanto professor, e pelas transformações que o ensino tem tomado no decorrer dos anos através de relações de ensino na EJA, quando nos utilizamos de letramento e sequência didática no ensino de literatura nas turmas da EJA com a utilização do recurso fílmico.

O que move as ciências é busca de formas de explicação, entre crenças e convicções, “o desenvolvimento da maioria das ciências têm-se caracterizado pela contínua competição entre diversas concepções de natureza distintas”. (KUHN, 1991, p. 22). Assim ele notou que o que ocorre na ciência são experiências dentro de um padrão já reconhecido. Essas mudanças de paradigmas são inovações científicas e “a transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução, é o padrão usual de desenvolvimento da ciência amadurecida” (KUHN, 1991, 32).

Compreendemos que a visão do professor pesquisador e atuante em uma sala de aula, não é apenas de uma pessoa normal, mas um revolucionário que está na busca inconstante pelo aperfeiçoamento profissional, na sua evolução. Kuhn (1974, p. 356) se refere a uma comunidade científica como um grupo de praticantes de uma especialidade científica que se encontram unidos por elementos comuns que foram incorporados através da iniciação científica. Assim, ele conceitua o modo de se fazer ciência, bem como traz leis e conceitos do modo operante desse paradigma. É assim que se usa a ciência como estratégia para solucionar as situações que surgem.

Em seu texto *As revoluções como mudanças de concepção de mundo*, Kuhn nos mostra que é através de pesquisas do passado da perspectiva da historiografia contemporânea, que podemos mudar tudo ao nosso redor. Segundo Kuhn (1970, p. 2001, 202),

Não obstante, as mudanças de paradigmas realmente levam os cientistas a ver o mundo definido por seus compromissos de pesquisa de uma maneira diferente. Na medida em que seu único acesso a esse mundo dá-se através do que veem e fazem, poderemos ser tentados a dizer que, após uma revolução, os cientistas reagem a um mundo diferente.

Assim, não nos basta entender o que pesquisamos, mas praticar, para que através dessa prática possamos assimilar os paradigmas na busca por soluções junto aos pesquisadores. É esses paradigmas são considerados instáveis, assim não havendo uma forma de padronização que possa ser seguida. Outra característica importante do paradigma é a parte de que ele não depende regras externas

É importante destacar o protagonismo do aluno nesse processo, que foi a motivação inicial do projeto e impulsionou a pesquisa, através das dificuldades encontradas em sala de aula com as turmas de EJA que, despertou a inquietação para a busca e utilização de novas formas de aprimorar o letramento e sequência didática nas turmas da EJA, através obras literárias e ficcionais cinematográficas.

Trazendo para a atualidade, observamos que o uso de alguns elementos como “o celular” por exemplo tem facilitado de forma mais abrangente a população das escolas e redimensionando os seus usos no que se diz respeito à educação. Segundo Cosson (2014), do mesmo modo que a canção popular, o filme é outro avatar da literatura que precisa ser mais bem compreendido enquanto parte do discurso literário. Um filme, hoje, pode ser assistido facilmente através de um aparelho celular, mesmo que o aluno não tenha conseguido assisti-lo em sala de aula, facilitando assim a leitura da obra que se tenta trabalhar em sala. Assim, o letramento e sequenciamento literário pode ser limitado aos muros da escola.

Primeiramente o letramento literário não se confunde, visto seu lugar de destaque dentre outros tipos de letramento, pois a literatura é única em relação à linguagem a “[...]tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006. p.17). É através do letramento utilizado com textos literários que oportuniza uma visão única de introdução a escrita, visto que induz ao controle da palavra com propriedade da mesma. Assim, é papel da escola criar oportunidades de inserção desses alunos para poder materializar esse processo, bem como impulsionar o que o simples ato de ler não efetiva atualmente.

Os letramentos bem como a linguística visam a uma melhoria na qualidade da educação, que prima pela libertação das amarras que o conhecimento pode desatar, pois, a exemplo de Freire (2000), ressalta que a falta de criticidade nos torna ingênuos e superficiais diante dos problemas que nos cercam. Segundo o autor ainda sobre a consciência crítica “é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais” (FREIRE, 2000, p. 105). Assim, nós professores devemos nos colocar a frente desse desafio não nos esquivando do conflito, para tornar nossos alunos pessoas mais críticas e cidadãos do mundo através de novas construções e desconstruções das ditas verdades.

Analisando a pertinência da pesquisa, consideramos de grande relevância a utilização de vários discursos de luta por melhorias na educação, para que possamos aprofundar nossa fundamentação metodológica, que busca abranger as relações de letramento literário e sequencia didática no ensino de literatura na EJA, com utilização de recursos cinematográficos de forma documental qualitativa, defendendo a visão do educando, valorizando sua subjetividade e individualidade, e objetivando uma interpretação globalizante de seu ambiente. Podendo-se assim vislumbrar através das palavras de Paulo Freire que tanto defendeu uma educação libertadora, onde o mesmo diz que “(...) faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 2005, p.34).

O objetivo dessa pesquisa é a discutir o ensino de Literatura na EJA, seu silenciamento pela BNCC, apresentando uma proposta de sequência didática de ensino de literatura a partir de obras fílmicas. Para se alcançar os objetivos gerais, foram selecionados os seguintes objetivos específicos: a) fazer uma análise o papel da literatura no ensino na EJA, considerando questões como leitura, letramento literário e sequencia didática; b) discutir o silenciamento da Literatura no ensino da EJA; c) propor uma sequência didática de obras literárias e fílmicas para o ensino de literatura na EJA.

O trabalho a seguir nos propõe um sequenciamento e letramento literário através de obras literárias com a utilização de cinema e suas aplicações, através dos capítulos a seguir:

No Capítulo 1, será apresentado o contexto histórico da EJA, bem como os conceitos de leitura, letramento literário e gêneros textuais e literários, sequências

didáticas e sequências literárias. No Capítulo 2, discutirei os materiais didáticos na EJA para o ensino de literatura. Além disso discutirei a relação entre literatura e cinema, com base em Diniz (2005), literatura e cinema na sala de aula e o direito à literatura e o papel da literatura na EJA. Além disso, discute-se o silenciamento da literatura pela BNCC e pela reforma do ensino médio, suas consequências para a formação de leitores cidadãos, críticos numa perspectiva humanizadora.

No capítulo 3, trabalharei as propostas didáticas com as seguintes obras: *O Cortiço*, *Faroeste Caboclo*, *Vidas Secas*, *Vida Maria*, e *Morte e Vida Severina*. Para cada obra, será organizada a sequência básica proposta por Cosson (2006): motivação, introdução, leitura e interpretação (do filme e do fragmento da obra (COSSON, 2006)). Em todas as obras, serão trabalhados o filme e um fragmento da obra. Considerando o contexto do Pandemia da Covid-19, não foi possível aplicar essas sequências didáticas literárias em função do distanciamento social. Por isso, essa será bibliográfica e documental a fim de concretizar propostas para o ensino de Literatura na EJA.

## 2 A LEITURA E A EJA

### 2.1 Contexto Histórico da EJA

Quando pensamos em Educação de Jovens e Adultos (EJA) nossa preocupação não se encerra com uma simples incumbência no ofício do profissional da educação, mas está profundamente conectada aos propósitos que o aluno da EJA busca nesse momento.

A busca dessa modalidade de ensino se identifica nesse momento na busca pelo conhecimento que até então não ocorreu no período escolar regular. Os motivos de não ter completado os estudos são vários, e o mais comum é a sobrevivência através do trabalho, em alguns casos precoces, além de outras tantas dificuldades que surgem ao conversarmos com esses alunos e conhecermos suas histórias.

A Educação de Jovens e Adultos é um direito adquirido pela lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), e garantido gratuitamente aos que não obtiveram o acesso na idade própria e segundo a LDBEN o poder público deverá estimular o acesso e a permanência desses jovens e adultos na escola. De acordo com Brandão (2018, p. 6),

A teoria Piagetiana da aprendizagem implica em diferenciar qualitativamente a lógica do funcionamento mental da criança da lógica do funcionamento mental do adulto. Investigou através de quais mecanismos, a lógica infantil se transforma em lógica adulta, isto é o processo de aprendizagem, que se dá por equilíbrio e desequilíbrio. Ele ainda considera que o processo de transformação da lógica infantil em lógica adulta obedece a etapas de amadurecimento qualitativo do organismo. As fases do desenvolvimento cognitivo, segundo Piaget são: sensório-motora, pré-operatória, operatório-concreto e operatório-formal.

Os fatos que por vezes impossibilitam a aprendizagem no decorrer dos anos se tornam cada vez mais abrangentes e o indivíduo ao sentir a ausência desses conhecimentos inerentes aos processos busca se inserir nos projetos que contemplam a EJA fornecidos por escolas públicas e em alguns casos por projetos comunitários de alfabetização. Brandão (2018) nos mostra que, para Piaget, a aprendizagem ocorre por constantes equilíbrios, ancoragens e desequilíbrios. Ao professor compete compreender e identificar quais teorias são condizentes com a realidade de seu aluno, adaptando-se para atingir de forma significativa o sucesso, que pode conter os sonhos e

realizações dos Jovens e Adultos ao se inserirem nesse processo, primando a eficácia dos programas da EJA.

A história da EJA aborda reflexões teóricas sobre a observância de nomes como por exemplo do Paulo Freire (1989), que aplicou seus conhecimentos para dissertar sobre a evasão e criar um retrato desses envolvidos nessa modalidade. Segundo Freire (1989. p. 31), é possível o professor levar avante seu trabalho de alfabetização ou compreender alfabetização, quando separa completamente a leitura da palavra, da leitura do mundo. Ler a palavra e aprender como “escrever o mundo”, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e estar em contato com o educando. Visualizamos que o método freiriano contempla que esses alunos são sujeitos ativos no ensino aprendizagem, observando que são sujeitos com histórias de vida que podem ativar, criar e recriar sua cultura. Segundo Freire, (1980, p. 26-27).

[...] A conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece [...] A conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência-mundo.

Assim, parafraseando Gadotti, não é só formar para o trabalho, mas para a cidadania, para que o povo participe na construção de uma nação. Ao invés de “basta de Paulo Freire”, precisamos de mais Paulo Freire para um país mais decente. Faz-se necessário que os sujeitos da EJA se apropriem de seu lugar na sociedade a qual participa, militando o seu espaço e contribuindo efetivamente nas mudanças que almejam no seu futuro. A educação baseada nos primórdios freirianos está inclinada para a percepção da luta contra o analfabetismo com base em suas experiências, sua realidade cultural, seu mundo. Percebe-se como oprimido e excluído, e obter-se a libertação dessa situação é o que defende Freire (2013, p. 31),

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles os efeitos da opressão? Quem, mais que ele para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que chegarão não pelo acaso, mas pelas práticas de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe devem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida.

Desse modo, Freire nos apresenta que, na educação de EJA, precisamos evidenciar a prática da liberdade, quanto mais instigados esses sujeitos como seres no mundo, o resultado será sentir-se mais provocados e acolherão de forma mais positiva, ao contrário de uma educação bancária, que apenas lhes credita os conteúdos. Para Freire (2013. p. 49), “não há saber mais ou menos há saberes diferentes”. Quando falamos de Paulo Freire, não se pode esquecer-se de seu vasto conhecimento na educação que se ampliou pelo mundo afora, que, com um olhar sobre o homem desalumiado, tenta ajudar nas mudanças que irão até os nossos dias ser o complemento que falta para a sua inserção na sociedade de forma mais justa e relevante. O que observamos é que foi a partir dessa luta que a divisão que Paulo Freire muda a prática em função de trabalhar a realidade dos alunos da EJA, tornando-os ativos nessa empreitada.

Percebemos que a EJA é uma oportunidade para evidenciar a esses educandos, o acesso a literatura, a escrita em uma nova realidade onde a abundância de vários saberes, são elaborados em união com o círculo escola, educando e seu meio. Isso propicia uma integração em que o educando não será mais visto apenas como um coletor de conhecimentos, mas um colaborador da educação através de suas vivências, que trarão contribuições que ajudam a promover a mudança necessária. Libâneo (1994, p.156) ressalta que “deve-se estabelecer vínculos entre conteúdos, as experiências e os problemas da vida prática”.

Assim, é na sala de aula que essa interação transformará o educando. Vivências retratadas de forma sequenciada que proporcionam a inter e transdisciplinaridade, visto que é na sala de aula que nos é oportunizado essas conquistas, promovendo a ligação necessária entre as práticas que trarão importantes contribuições para os sujeitos da EJA. Oliveira (1999, p. 61) nos diz que

O educador de jovens e adultos deve ter como qualidade a capacidade de solidarizar-se com os educandos; a disposição de enfrentar dificuldades como desafios; a confiança de que todos são capazes de aprender; a ensinar e aprender numa troca mútua. Devem ser coerentes com essas posturas para que possam identificar os fatores que contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem no processo de aquisição da leitura e da escrita para em seguida reverter essa tal realidade.

Essa modalidade ainda necessita desse olhar de partilha dos profissionais da educação, que buscam oportunizar uma educação de qualidade e igualdade para aqueles que de alguma forma lhes foi negada no seu tempo de escola e, mesmo assim não desistiu de lutar por sua contribuição dentro da sociedade, para que seus sonhos ainda se tornem possíveis de atingir.

## 2.2 Tipos de Motivação

O professor se sente recompensando, ao ver os resultados que pode proporcionar a uma pessoa que voltou a escola de forma consciente de sua necessidade para inserção no mercado de trabalho e na busca por oportunidades mais justas. Segundo Pintrich (2000) considera que

A planificação da motivação e a ativação da mesma implica adotar metas, de acordo com o tipo de tarefas a que propomos, bem como a estimulação de um conjunto de crenças motivacionais, tais como as crenças de auto-eficácia, os interesses pessoais nas tarefas propostas e as crenças sobre a importância dessas mesmas tarefas.

No âmbito escolar a motivação é de grande relevância pois, além de provocar dentro da realidade da sala de aula, desperta no aluno o processo de ensino aprendizagem que buscamos utilizar para motivá-los com o envolvimento necessário para a interação das atividades propostas. O aluno tocado pela motivação, oportuniza novos olhares para aquilo que lhes é apresentado e assim, entusiasmado nos mostra seu empenhamento para novas provocações.

Dessa forma, é sabido que a EJA não ocorre como na infância, “ou tempo dito correto de ensino na escola”, os adultos necessitam de incentivos para que reativem suas motivações e não tragam os problemas que norteiam a vida profissional para atrapalhar seu desempenho nos estudos. O termo *motivação* deriva do latim *movere*, que significa *movimento* (PINTRICH, 2003). De fato, as teorias explicativas da *motivação* preocupam-se em compreender a energização e direção do comportamento, ou seja, o que faz com que os indivíduos se movimentem, e em relação a que atividades ou tarefas (PINTRICH, 2003). Ao relacionar a motivação como o processo de aprendizagem escolar, constata-se como fundamental que os alunos estejam motivados para regular

efetivamente a sua aprendizagem, ativarem estratégias eficazes e desencadearem esforço (BOEKAERTS, 1995; LEMOS, 1999). Quando associamos a motivação ao ensino, vislumbramos a energia necessária para colocar esse aluno em contato com os conteúdos mínimos e necessários para o seu desenvolvimento, criando-se através dessa energia o impulsionamento que também funciona como recurso de grande valia para impactar em seus resultados de aprendizado. Assim, o professor precisa se aprimorar de motivações mais atuantes que primem pelo sucesso no atendimento desse aluno que busca a formação social e crítica diante da sociedade. Ao relacionar a motivação com o processo de aprendizagem escolar, constata-se que é fundamental que os alunos estejam motivados para regularem efetivamente a sua aprendizagem. É através dessa motivação que nossos alunos encontram forças para encarar as dificuldades e buscam utilizar-se desses meios como incentivo para vencer os desafios que surgirem no decorrer de suas atividades letivas. Ryan e Deci (2000, p.68) consideram que:

Os alunos podem sentir-se motivados para uma determinada atividade porque estão verdadeiramente interessados, valorizam a atividade e daí retiram satisfação, ou porque estão a ser impelidos por algum tipo de motivo que não está diretamente relacionado com a tarefa, mas que conduz ao envolvimento na tarefa, porque se constituiu como um meio para atingir algum tipo de fim. Esta diferenciação básica é amplamente conhecida.

É neste âmbito que vários autores propuseram a distinção entre *motivação intrínseca* e *motivação extrínseca* (e.g. HARTER, 1978). A motivação intrínseca refere-se então à realização de uma tarefa pela satisfação relacionada com as características inerentes à própria tarefa. A motivação intrínseca está associada a prazer em aprender, curiosidade, persistência e preferência por atividades desafiantes (GOTTFRIED, FLEMING e GOTTFRIED, 2001). Assim, através da identificação da relevância da motivação nas metodologias de ensino e aprendizagem, devemos buscar o envolvimento dos nossos alunos nessa empreitada na busca por resultados que farão a diferença em suas vidas.

Reconhecemos que a motivação é de grande relevância, quando estamos falando de estratégias de proporcionar a aprendizagem dos alunos. Essas deverão ser utilizadas para reforçar a importância da escola, criar um ambiente de aprendizagem motivador, estabelecer relações pedagógicas personalizadas, promover curiosidade, proporcionando atividades interessantes e estimulantes. Percebemos que essas atuações não resolvem todos os problemas de motivação dos alunos, e que atualmente os alunos se encontram

em um ambiente de motivação facilitada, quando percebemos os usos de recursos tecnológicos como estímulos que permitem atingir um público cada vez maior. Assim, não podemos esquecer o protagonista dessa história: o aluno, que necessita de esforço para valorizar e ambientar-se na escola motivado.

### 2.3 Leitura

Durante seu tempo na escola, espera-se que o aluno tenha acesso a uma infinidade de textos, em variados gêneros e diferentes níveis comunicativos, respaldados em contextualizações que lhe possibilitem uma leitura interpretativa, reflexiva. A BNCC entende que diferentes formatos e gêneros textuais fazem parte da vida das pessoas e devem ser explorados também em sala de aula. É válido trazer HQs e receitas, mas também abordar a produção digital, como e-mails, blogs, podcast, memes, vlogs e outros formatos típicos da cultura jovem atual. Nesse contexto que a literatura fílmica se apresenta como um parceiro nessa metodologia. Segundo Freire (1989, p. 86):

[...] não basta apenas ler a palavra e o mundo, mas também escrever sobre o mundo em busca de sua transformação. Para isso, o ensino e aprendizagem têm como tarefa aprimorar os conhecimentos discursivos dos alunos para aqueles que eles possam compreender os discursos que os cercam.

Assim, diante dessas transformações e da relevância de novas tecnologias junto à sociedade contemporânea, visualizamos a importância dessa parceria entre a escola, a literatura e o cinema “literário” como proposta de fomentar a necessidade da escola de se movimentar, através inovações na comunicação com os alunos facilitando a compreensão do mundo que os cerca. Segundo Iser (1996)

no momento da leitura o leitor carrega consigo um repertório de ordem social, histórico e cultural, sendo que a interpretação de determinado texto ocorrerá por meio do diálogo entre esse repertório do leitor e o texto. Logo, o espectador do filme *Mutum*<sup>1</sup> que já tenha lido o livro *Campo Geral* – que serviu de base para a produção fílmica de *Mutum* –, carrega consigo o conhecimento sobre o conteúdo do filme e o assiste possuidor de um

---

<sup>1</sup> Em uma análise comparativa entre o texto literário *Campo Geral/Miguilim*, de Guimarães Rosa e o texto fílmico *Mutum*, de Sandra Kogut, as teorias de recepção de Hans Robert Jauss e de Wolfgang Iser podem contribuir para a leitura da relação autotexto- leitor, já que, inclusive, possibilitam identificar Sandra Kogut como leitora de Guimarães Rosa e como autora do texto fílmico *Mutum*, cuja construção discursiva – como argumenta Iser – prevê um leitor/espectador.

“horizonte de expectativas” (Jauss, 1994), podendo, assim como pode o leitor do livro, comprovar, questionar ou modificar suas expectativas.

Assim, percebe-se que a literatura e o cinema não estão distantes, mesmo quando pensamos que o livro foi apenas fonte de inspiração para construção de adaptações para o teatro ou mesmo o cinema. Visto que em sua maioria o cinema é a retratação da vida real, que através dessa leitura que o aluno/leitor interpreta de forma a relacionar o seu conhecimento de mundo com aquilo que lhe é apresentado com a aceção do aluno. Objetivando alavancar as alternativas que proporcionem uma leitura com sentidos e reconstruídos de significados para esse novo leitor que se vê inserido em um contexto provocador para sua interpretação. Segundo Paraná (2009, p.71):

Ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diversas esferas sociais: jornalísticas, artística, judiciária, científica, didático-pedagógica, cotidiana, midiática, literária, publicitária, etc. No processo de leitura, também é preciso considerar as linguagens não-verbais. A leitura de imagens, como: fotos, cartazes, propagandas, imagens digitais e virtuais, figuras que povoam com intensidade crescente nosso universo cotidiano, deve contemplar os multiletramentos mencionados nestas Diretrizes.

Assim, é através da leitura que o aluno se desenvolve como ser crítico, percebendo o seu papel dentro da sociedade em que está inserido, com voz para atuar em seu meio. Além disso, o professor tem o papel de moderador, motivando seus alunos as leituras que realmente tenham relevância para que desperte sua criticidade diante de sua prática de letramento.

É através dessa prática que o aluno pode se motivar para a leitura, e assim poder fazer as atividades que possibilitam o estreitamento dos conflitos a respeito das inferências que o texto pode oferecer como: o enredo não linear; a metalinguagem; a análise psicológica; o humor a ironia, dentre outros tantos fatores que podem ser abordados de forma analítica de uma obra. Segundo Cosson, ler é um processo de extração do sentido que está no texto. É assim que o leitor tem que visualizar o texto, buscando significados em suas leituras onde a descoberta de fatos e confronta o próprio saber com suas vivências. Para Silva (2005, p. 24),

[...] a prática de leitura é um princípio de cidadania, ou seja, o leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz.

Assim, nessa prática explorada em várias situações, necessita que o leitor compreenda os diversos âmbitos dos discursos em que essas produções estão inseridas, e assim também, as intenções e os dialogadores do gênero em estudo. É nesse ambiente diversificado em que a leitura discursiva deve ser vivenciada e explorada. Dessa forma, quando o sujeito da EJA consegue distinguir quem são as vozes e convicções existentes no texto, vozes essas que lhe darão a base de compreensão do texto em questão e suas relações de envolvimento.

#### **2.4 O que é leitura.**

Quando pensamos em leitura geralmente nos prendemos ao ato de ler. Isso pode ser limitado a simples leitura de livros, mas quando aprofundamos a pesquisa de leitura, nos deparamos com várias situações em que a leitura é vista por outros ângulos, nós podemos ler o mundo através de uma situação, um sinal, um código que não necessariamente precise de palavras, enfim, podemos realizar várias leituras, das diversas formas de manifestações que ela nos aparece para decodificarmos. Segundo Martins:

Bastará, porém decifrar palavras para acontecer a leitura? Como explicariamos as expressões de uso corrente “fazer a leitura” de um gesto, de uma situação;” ler o olhar de alguém”, “ler o tempo”, “ler o espaço”, indicando que o ato de ler vai além da escrita? (MARTINS, 1982, p.07).

Dessa forma, decodificar não é simplesmente entender as palavras, mas buscar um entendimento dentro de um contexto em que se encontram, e também o modo como iremos lê-la. Segundo a doutora Maria Helena Martins (1982), em sua obra “O que é leitura”, podemos passar muito tempo a observar alguns objetos que se encontram no nosso dia a dia, limitando-os a apenas sua função decorativa. Além disso, um dia paramos para observar outros fatores que antes passavam despercebidos aos nossos olhares. Citando por exemplo sua beleza, até antes adormecida, ou até mesmo o contrário. Começando assim a ganhar relevância sua história, e até sua existência em nossa vida. É assim que nossa leitura se dá; com a união de vários aspectos, convergindo na leitura. Para Paulo Freire, a palavra-mundo reúne o que era mundo de

fora com o que é mundo de dentro. Por isso não podemos igualar as leituras, pois todas são individuais e renovadas a cada nova mesma leitura. Destarte ainda citamos Freire: “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

Segundo Martins, tanto Burroughs quanto Sartre indicam que o conhecimento de língua não é suficiente para leitura se efetivar. Pois é através de suas vivências individuais que conseguimos organizar nossas experiências e assim realizar as leituras de qualquer coisa.

## **2.5 O ato de ler e os sentidos, as emoções e a razão.**

Martins (1982) apresenta diversos tipos de leitura. O processo de ler é complexo e dinâmico, a pode apresentar diferentes tipos de leitura. Dentre elas, a autora cita a leitura sensorial, a leitura emocional e a leitura racional. Assim, diversos aspectos estão imbricados no processo de leitura.

Na **leitura Sensorial**, a autora nos faz observar os aspectos da visão, do tato, da audição e até mesmo o gosto por algum tipo de leitura pode nos colocar diante de uma leitura prazerosa. Segundo Martins (1982),

Em suas memórias, Érico Veríssimo dá mais vida e significação a essas coisas de que estamos falando: “Estou convencido de que meu primeiro contato com a música, o canto, o conto e a mitologia se processou através da primeira cantiga de acalanto que me entrou pelos ouvidos, sem fazer sentido em meu cérebro, é óbvio, pois a princípio aquele conjunto ritmado de sons não passava dum narcótico para me induzir ao sono”. (MARTINS, 1982, p.41)

É através dessas memórias que podemos observar nesse contexto de sensações que nos são proporcionadas durante toda nossa criação, e que vão moldando nossos gostos e desgostos. Somando assim o conhecimento necessário ao leitor para que ele mesmo possa fazer suas racionalizações a respeito de sua seleção pessoal. Segundo Martins, é através dessa combinação rítmica, sonora e visual dos sinais – que surgem as primeiras escolhas.

Na **leitura Emocional**, a autora nos mostra que essa leitura implica necessariamente na falta de objetividade ou subjetivismo. Assim, fugindo o domínio da

leitura, que se envolve nos subterfúgios de nossa mente involuntariamente. Assim, ocorre através de um conjunto fatores e vivências, que incitam nossas emoções.

Tudo se passa num processo de identificação; não temos controle racional sobre isso, pelo menos naquele momento. E quando nos percebemos dominados pelos sentimentos, nossa reação tende a ser a de refreá-los, ou negá-los, por “respeito humano”, conforme os católicos, ou, como explica Freud, por um mecanismo de defesa, pois a expressão livre das emoções nos torna demasiado vulneráveis. Esses motivos pelos quais procuramos escamotear ou justificar uma leitura emocional, uma vez passado seu impacto. Chegamos mesmo a ridicularizá-la, tempos depois, menosprezando nossa capacidade como leitor, na ocasião. (MARTINS, 1982, p.49)

Assim, seria inevitável pensar na quantidade de vezes que nos negamos a considerar que algo nos emocionou em nossas leituras. Em muitas situações, relembramos cenas de algum livro ou filme que ficou marcado em nosso inconsciente e nos faz reviver aquele momento como algo que nos toca e emociona, talvez nos fazendo reviver situações de nosso passado que ficaram marcadas e que despertam a partir dessas lembranças que podem ser tanto positivas como negativas, mas que tem alguma relevância em nossa vida literária.

Na **leitura Racional**, segundo Martins, a leitura racional nos aparece na sequência que foi citada aqui, pois é a partir das outras leituras que podemos mensurar um *status* letrado, próprio da verdadeira capacidade de produzir e apreciar o que lemos, esses filtros são construídos gradualmente até chegarmos nesse nível de racionalidade. É assim que podemos diferenciar o que nos é ofertado para leitura. Mesmo uma música erudita pode nos parecer apenas barulho, assim como um filme ou até mesmo um livro que não tem muito sentido para nós e achamos que só sirva para enfeitar a estante.

Essa leitura intelectualizada e dominante. Não por ser da maioria dos leitores. Pelo contrário. Foi concebida e é mantida por uma elite, a dos intelectuais: pensadores, estetas, críticos e mesmo artistas quer reservam a si o direito de ditar normas à nossa leitura, bem como guardam para si o privilégio da criação e fruição das artes, das ideias, das coisas boas da vida. (MARTINS, 1982, p.63)

Desse modo, a leitura a esse nível nos remete aos críticos literários, que tentam através de suas experiências de leitura criar uma visão, para que os leitores já se interessem por ela ou não, já que muitas vezes essas mesmas obras são às vezes obrigatórias, fazendo assim que o leitor já crie aversão a ela, mesmo antes de lê-la. Mas que o leitor atendo se dedica e começa sua leitura sem o envolvimento emocional, para que assim consiga filtrar e aprender assim a interação dos níveis de leitura.

Segundo Martins, não se deve supor a existência isolada de cada um desses níveis. Pois o na visão da autora pode ocorrer a prevalência de um ou de outro nível. Mas que parece ser difícil dissociar uma leitura apenas, em virtude de nossa “condição humana de inter-relacionar sensação, emoção e razão, tanto na tentativa de se expressar como na de buscar sentido para compreender a si e ao próprio mundo”.

Uma das razões pelas quais às vezes nos sentimos desanimados diante de um texto considerado “difícil” está no fato de supormos ser em função de deficiência nossa, de incapacidade para compreendê-lo. Isso em geral é um equívoco. Por que desistirmos de uma leitura racional se temos interesse em realizá-la? Tampouco adianta ficar relendo mecanicamente; pelo contrário, é pior. (MARTINS, 1982, p. 85-86)

Assim, a experiência de cada leitor vai sendo construída pelo hábito que vamos desenvolvendo durante nossas leituras não existe uma fórmula para funcionar, mas uma necessidade a ser preenchida de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, da vontade de aperfeiçoar-se cada vez mais. A autora ressalta a importância da leitura dentro de nosso cotidiano e como, mesmo que indiretamente, estamos em constante contato com esta.

Enfim, é primordial nos abirmos às possibilidades de leitura sem receios de vivenciar nossas memórias sensoriais, emocionais ou racionais, pois mesmos que durante a leitura fiquemos confusos, ou relutantes diante das situações, lá na frente haverá um uma relevância, ou simplesmente teremos a maturidade para filtrar o que realmente irá fazer a diferença em nossa vida.

### 3 A LITERATURA E A EJA

#### 3.1 Literatura: é conhecimento

Enveredar para o ensino de literatura se torna um verdadeiro desafio na atualidade, visto que esse ensinamento se encontra marginalizado e invisibilizado, pois não está atualmente nem contemplado pela BNCC. Hoje, quando um aluno se forma, ele tem no seu histórico escolar apenas a nomenclatura de língua portuguesa, partindo desse pressuposto, se entende um alicerce linguístico muito forte e uma literatura esquecida. Os estudos de literatura despertam o medo o receio e muitas outras coisas, pois ela sensibiliza o sujeito e contribui para um pensamento mais autônomo. A realidade de nossos alunos hoje é de concluir os estudos e não reconhecerem os grandes nomes da literatura brasileira como o de José de Alencar, muito menos suas obras, e quando pensamos em EJA, essa modalidade se torna mais distante ainda de alcançar essas obras. Segundo Morin (1977),

A literatura, o teatro e o cinema são escolas da vida para crianças e adolescentes, onde eles aprendem a se reconhecer a si mesmos. [...] Escolas de **complexidade humana**, onde se descobrem a multiplicidade interior de cada ser e as transformações das personalidades envolvidas na torrente dos acontecimentos. (MORIN, 1977 p.10)<sup>2</sup>

Assim, tomamos a literatura com princípio de uma reforma do sistema educacional brasileiro, como cita a autora; um verdadeiro “fio de Ariadne” capaz de integrar as mais diferentes áreas do conhecimento humano. Ainda segundo a autora, as estruturas e os métodos tradicionais estão superados e a renovação educacional necessária ainda está em gestação. Ainda nos deparamos com professores que são resistentes a renovação, além daqueles que se sentem preparados para embarcar nessas inovações, porém esbarram na falta de materiais para desenvolver seus projetos.

A Literatura é um mundo aberto ao mesmo tempo às múltiplas reflexões sobre a história do mundo, sobre as ciências naturais, sobre as ciências sociológicas, sobre a antropologia cultural, sobre os princípios éticos, sobre política, economia, ecologia... Tudo depende de uma seleção inteligente das obras. [...] O objetivo maior das discussões sobre os novos caminhos da Educação não é a preparação dos programas de ensino, mas a separação daquilo que é considerado como *saberes essenciais* e evitar o *empilhamento dos conhecimentos*. (COELHO apud PCN's 2001, 1997. p.54)

---

<sup>2</sup> E. Morin: Meus demônios, Berrand Bertrand Brasil, Brasil, Rio de Janeiro, 1997.

Segundo a autora, a literatura nos é mostrada como um autêntico e complexo exercício de vida, e é assim, que ocorre a comunicação com outros conceitos. Nessa junção, a literatura se torna relevante para o “tema transversal” como o fio condutor para as diferentes unidades de ensino nos Parâmetros Curriculares. Assim, catalisamos os “saberes essenciais” da avalanche de conhecimentos que nos é oportunizado constantemente, pois nos interessa apenas organizar esses mesmos saberes em uma realidade que nos dê relevância social no meio em que se encontram os sujeitos envolvidos nessas discussões de forma significativa.

É pensando com as palavras de Morin que podemos vislumbrar a importância da literatura dentro do ensino com eixo organizador que consegue assimilar com grande relevância as vias comunicantes que a educação no momento nos suplica. Segundo Bakhtin: “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou sentido ideológico ou vivencial”. É com a palavra que o homem molda a sua concepção de mundo e cria suas concepções a cerca desse mesmo mundo, de forma atemporal e de cunho social, individualizado.

A escola, portanto, deve ter como objetivo fornecer aos estudantes o contato com o literário, de forma que esse contato vá além do escrito, visto que o letramento literário é entendido “como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o.” (BRASIL, 2006, p.55).

Assim, a reformulação da educação literária se mostra necessária, pois segundo Cosson (2006) [...] aquele que lê como um ato que deixe marcas contribui para a maneira que o sujeito se relaciona com o mundo. Essa leitura necessita de um resgate, pois uma sociedade letrada se faz com muita literatura. A que provoca construções e desconstruções dos pensamentos compartilhados através desse letramento literário.

Dessa forma, segundo Coelho, em sua obra que ultrapassa o tempo, haja vista nossa realidade acerca do ensino de literatura, que vive um período de mutação, de confronto entre a tradição e transgressão, é o sistema de educação que pode projetar essa herança literária nos futuros estudantes ou não. Esses valores necessitam ser discutidos para buscar soluções sobre esse paradoxo, entre o papel que a literatura tem, e terá nas próximas gerações. Observamos que a linguística aplicada avançou muito, mas o ensino de literatura está caindo no esquecimento dentro das unidades de ensino.

Assim, salientamos a necessidade de compartilharmos experiências, na contribuição de um resgate, do uso da literatura em salas de aula como nos mostra (CANDIDO, 1994, p. 175). É, sobretudo, por seu caráter transgressor que a literatura se torna um bem a que todos devem ter acesso. Ele nos indica que o texto literário pode levar o educando a ultrapassar seus limites, e que também pode reafirmar o papel da escola, como instituição que abriga os mais diversos gêneros e pontos de vistas, tentando construir suas próprias vivências.

### 3.2 Literatura e cinema

Diniz apresenta uma discussão sobre Literatura e Cinema. Segundo Diniz (2005, p. 13),

Desde o início do aparecimento do cinema, verificou-se que a nova arte tinha a capacidade de narrar, com seus próprios recursos, uma história anteriormente contada em romances ou contos. A partir daí, a prática de transformar uma narrativa literária em narrativa fílmica espalhou-se a ponto de boa parte dos filmes ter anualmente, como origem, não um *script* original, criado especialmente para o cinema, mas uma obra literária.

Nessa proposta, que visualizamos as obras que tradicionalmente lemos e utilizamos nos cursos de formação de turmas da modalidade EJA, e vislumbramos que essas mesmas obras podem ser trabalhadas com a utilização das mídias de forma fílmica. Sabemos que em algumas situações tais obras são utilizadas de forma adaptadas para visão do diretor que busca retratar de forma mais lúdica possível a obra. Ainda segundo Diniz (2005), houve várias abordagens que visavam a comparação entre os textos literários e os adaptados para o cinema. Nessa análise a autora cita o Stuart McDougal, que em seu texto faz uma análise do modo como os elementos da narrativa (enredo, personagem, ponto de vista, estrutura, tempo, atmosfera, pensamento interior e outros) são transferidos para a forma fílmica. Transformando a adaptação fílmica, o que eles julgam ser uma tradução fiel da realidade transcrita na obra. Para o autor mesmo, utilizando-se de elementos de intertextualidade e influências fora do romance, McFarlane utiliza como método a descrição dos componentes naturalmente transferíveis do romance para o cinema e dos que exigem maior criatividade<sup>3</sup> (*adaptation proper*).

---

<sup>3</sup> McFarlane usa termos “Transfer” para o processo de transferência de elementos facilmente transferíveis e “adaptation proper” para o processo que exige maior criatividade do cineasta.

Segundo o autor, é nesse momento que o cineasta exhibe sua arte. Ressaltamos que em suas considerações o autor ainda reforça que o texto literário permanece como referência nesse processo tradutório de forma unidirecional. É imperioso que pensemos como sugere Andrew, transferirmos o foco do interesse para a forma como são abordadas levando-se em considerações, questões políticas, culturais e econômicas. Além da questão híbrida, livre de preconceitos. Segundo Diniz, (2005, p. 17),

As adaptações fílmicas estariam situadas num redemoinho de referências e transformações intertextuais, de textos que geram outros textos, num processo infinito de reciclagem, transformação, transmutação, sem qualquer ponto de origem necessariamente definido. Entram aí as noções de intertextualidade, transtextualidade e hipertextualidade, sugeridas por Gérard Genette, que se mostram úteis para se conceituar adaptações

Assim, ainda faz citação da obra de Deborah Cartmell (1999), onde a adaptação fílmica não seguiu a linha rigorosamente “literárias” assim, dando uma dimensão mais ampla, incluindo como foco produtos culturais e também na audiência. Sugerindo dessa forma o uso de duas estratégias de na transformação de textos: um voltado para recuperação do passado e outro para a audiência. Realçando as necessidades de consumo, desconsiderando os valores estéticos culturais. A autora ainda nos mostra o conceito de James Naremore, que ressalta a importância de adaptações que envolvam reciclagem, “*remake*”, e parafraseando o autor, quaisquer outras maneiras de recontar, desprendida de fidelidade, num processo multidirecional, dialógico e intertextual.

Dessa forma, ampliamos os conceitos de adaptações, que podem ser ampliadas com obras adaptadas para o teatro, “*Sequels*”<sup>4</sup>. “*Remakes*”, Shows e seriados de TV, dessa forma o processo de adaptação fílmica perde o status de estudo e amplia-se para a inter/ transtextualidade.

---

<sup>4</sup> Uma sequência ou sequela é uma obra de literatura, filme, teatro, televisão, música ou jogo eletrônico que continua a história de, ou expande, algum trabalho anterior.

### 3.3 Literatura e Cinema na sala de aula

É no ensino de literatura que encontramos as maiores dificuldades, que não se limitam ao lado acadêmico, mas também compreensão da importância do ensino de literatura nas bases da educação como forma de interação com o mundo atual. Segundo Silva (2008. p.17),

Com relação à Literatura, parte integrante do ensino da Língua Portuguesa, o problema parece mais sério. Há um descaso com as práticas de leitura que beira o abismo educacional, as dificuldades dos alunos em interpretar e produzir textos coloca em xeque o aprendizado da língua nas instituições escolares, principalmente nas séries iniciais, o que, segundo Geraldi (2003, p. 41) caracteriza o “[...] baixo nível de desempenho linguístico demonstrado por estudantes na utilização da língua”. Por isso, faz-se prioridade nas aulas de Língua Portuguesa uma atenção especial às questões que envolvem as práticas de leitura de textos com ênfase aos literários.

Assim, devemos levar em consideração essas concepções de linguagem, que nos aponta uma forma de interação que abrange não só a mensagem, mas também a forma como ela é objetivada em função do meio que ela é transmitida, como requisito para a educação no mundo moderno, objetivando a aprendizagem da língua/literatura de forma representativa, que não apenas traga o aluno para o imaginário, mas também para a realidade a sua volta, que pode ser de grande provocação no processo, em que o aluno possa se sentir representado e envolvido naquilo que realmente tem uma relevância para a sua inserção. Segundo Silva (2008. p.24-25),

A inserção do leitor, proposta na literatura, esbarra, atualmente, na facilidade com a qual se apresenta a relação com a tecnologia, ao simples toque de botão ela, por si mesma, dá ao usuário a possibilidade de criar seu próprio mundo e inserir suas relações, ou seja, faz o que o autor faz na escrita, com um elemento muito mais pessoal, pois depende somente de sua imaginação e não da do outro. Essa relação direciona a literatura a um novo caminho, o caminho das adaptações cinematográficas, as quais se valem desse interesse pelos meios tecnológicos, mais especialmente o mundo das imagens e acabam recriando as histórias literárias em todos os sentidos muitas vezes questionando seus finais e os estereótipos por elas criados.

Dessa forma, começamos a vislumbrar as obras literárias, não apenas em seu formato original, em que o livro é quase inacessível aos nossos alunos, e que fomos acostumados a tratar. No momento em que a tecnologia se mostra tão presente e ao alcance de um número cada vez maior de alunos, oportuniza tratar essas obras de forma

mais rápida, mais objetiva, mostrando não apenas em palavras, mas retratados em imagens que podem ser criticados e alinhados a realidade do nosso aluno. É nesse mundo de modernidades que podemos vislumbrar o uso dessas inovações para a educação. Hoje o aluno já pode recriar uma situação retratada em uma obra literária de forma simples com apenas o uso de um aparelho de celular, recurso mais prático e ao alcance de quase todos os públicos. A obra que antes ficava limitada a leitura do livro físico hoje pode ganhar releituras, realizadas pelo próprio aluno. Segundo Silva (2008 p. 32),

Desde sua invenção, o cinema compreende temas gerais, científicos, filosóficos, históricos, cotidianos, poéticos ou culturais, registrando, por meio da imagem em movimento, todos os tipos de assunto. Não há nenhuma novidade, portanto, em dizer que o cinema, nesse sentido, mais do que um objeto estético com especificidades próprias constitui uma linguagem de formação. Com frequência, entretanto, é visto de forma superficial e subjetiva, descaracterizando seu potencial como linguagem de conhecimento. Portanto, há a necessidade de desenvolver competências para saber ver um filme que vão além do simples fato de gostar ou não da história, atores ou qualquer outra coisa, e sim buscar a intertextualização com as outras linguagens.

Assim, as obras literárias ganham enfoque, principalmente para o público da EJA, em que os recursos são cada vez mais escassos, mostrando a importância do cinema literário. Quando o cinema se utiliza de boas obras literárias, que podem ser utilizadas para reflexão, tanto das ideias sociais, como políticas e culturais, que retratam a nossa sociedade, de forma clara, está aí a linguagem acessível ao público que pode de forma mais rápida e prática atingir um número cada vez maior de leitores. Para Melo (2004, p. 12),

Quando tratamos de crianças, acho fundamental analisar o que se faz para elas, como e por quê. O cinema infantil sempre foi visto como algo culturalmente marginal, pouco sério. Escrever ou filmar uma obra infantil significa envolver-se num patamar menor de arte, pois o público seria de seres imperfeitos, ainda não evoluídos. Se meu trabalho possui algum mérito, é o de procurar mostrar que esse gênero merece a mesma atenção dada ao Cinema Novo, às chanchadas, ao underground ou à *novelle vague*.

Houve um crescimento até para o público infantil, podemos visualizar opções de obras literárias adaptadas para o cinema que ganharam os adeptos ao uso na sala de aula, como estímulo a leitura. É o caso do livro: *Diário de um banana* – Adaptado para o cinema de forma prazerosa, que desperta nos alunos de 6º ano a vontade não apenas de

conhecer e ler a obra, mas também, desperta o hábito da escrita, através do diário que no filme nos é revelado como uma forma de contar as aventuras do protagonista da história.

Assim, a utilização dos clássicos literários que é utilizado nas aulas de língua portuguesa no ensino desses leitores, dessas obras em virtude da dificuldade de acesso a esses clássicos, pode ser apresentada facilmente por meio das adaptações existentes e, segundo Machado (2002, p.12) “(...) não estão ao alcance da garotada. O que interessa mesmo a esses jovens leitores que se aproximam da grande tradição literária é ficar conhecendo as histórias empolgantes de que fomos feitos”.

O ponto principal que as adaptações literárias mostram na forma fílmica é a linguagem, que leva em consideração a palavra e imagem, de forma fundamental para a inserção de diferentes conteúdos que podem ser abordados com a utilização dessa linguagem. Este mundo imaginário para o público infanto-juvenil cresce cada vez mais, tendo como base os *streamings* que se popularizam a cada dia, e ganham novos adeptos para esse novo modo de acessar as obras cinematográficas.

É através das diferentes leituras de uma obra literária que o cinema se utiliza e, assim, podemos trazer para a sala de aula uma linguagem mais atualizada e dinâmica. É dessa linguagem que a escola precisa se apropriar, como forma de atingir um número cada vez maior de adeptos a essa tecnologia. No entanto, a escola ainda tem grande dificuldade de utilizar-se dessa ferramenta como recurso didático. É com essa leitura que os alunos podem visualizar o mundo de uma forma muito individual, sendo assim capaz de se desenvolver como ser crítico diante das situações que a vida lhes proporciona. Segundo Duarte (2002. p. 19),

Parece ser desse modo que determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais. Esse é o maior interesse que o cinema tem no campo educacional – sua natureza eminentemente pedagógica.

Entretanto, é primordial que a leitura realizada por esses alunos, venha rica de criticidade, um olhar do escritor e uma visão pessoal do que se lê, trazendo para a realidade do aluno, que consegue se reconhecer diante da linguagem utilizada através da forma fílmica, que se quer passar para o leitor. Ainda segundo a autora não se pode dissociar a interpretação do mundo e suas representações. É justamente essa integração

que melhora o entendimento da literatura, independente da forma como ela chega ao aluno; escrita, falada ou fílmica, o que realmente é relevante será a forma como se está interpretando, e que essa leitura transpasse o espaço da sala de aula, formando-o para a vida e não simplesmente para adquirir a aprovação escolar.

### **3.4 A literatura por direito**

Quando falamos em direitos humanos reconhecer ser o que nos é indispensável também é para o próximo. Segundo Candido, esta é a essência do problema. De acordo com Candido (2011, p. 175),

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante.

O autor nos faz refletir sobre a evolução que atingimos em relação tempos anteriores, e as oportunidades que nos são oferecidas, também cria um abismo de desigualdades sociais, que sempre achamos os nossos direitos mais importantes que o dos outros. Assim ele nos afirma, que somos de nosso próprio obscurecimento do pensamento, pensamos na sobrevivência alimentar, no aprendizado, na diversão, mas não consideramos necessário e não tomamos como nosso direito o acesso à cultura. Como por exemplo frequentar o teatro, cinema, etc. Segundo o autor, a auto sabotagem não é proposital, no tocante à irracionalidade nos aparece como desígnios da racionalidade. Assim, com a mesma energia que criamos nós também destruímos o mundo ao nosso redor. Segundo Candido (2011, p. 191),

Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos

incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.

Dessa forma é necessário ter ponderação ao tratar os temas seja do ponto de vista individual, ou seja, ele social. A literatura é considerada uma manifestação universal de todos os tempos. Segundo Candido, está ligada a complexidade de sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizado. Por isso a literatura é utilizada como um instrumento de educação, e distinção entre as culturas e um direito humano. Assim, todos os cidadãos deveriam ter acesso à literatura, à leitura de obras para ter uma formação cidadã crítica, bem como ter direito ao acesso à literatura e à cultura.

Nesse sentido, Candido destaca que a literatura tem um papel humanizador muito grande nas suas obras. Segundo o autor, a literatura apresenta três importantes:

(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 2011, p. 178-179).

Como se nota, a literatura, em toda a sua construção complexa, tem um papel primordial de expressar emoções e perspectivas do mundo dos povos, bem como desperta emoções, sentimentos e sensações nos seus leitores. O que é importante destacar é que a literatura é uma forma de conhecimento que amplia os horizontes de seus leitores. Por isso, ela é um direito inerente a todos os sujeitos de uma determinada sociedade.

No entanto, as posições elitistas restringem o acesso à literatura na escola ou no acesso a livros. Dessa forma, negar o acesso à literatura é negar um dos direitos humanos fundamentais. De acordo com Candido (2011),

Acabei de focalizar a relação da literatura com os direitos humanos de dois ângulos diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição de direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (2011, p. 188)

Desta forma, as palavras de Candido resumem muito bem o direito à literatura, o qual não pode ser negado. De um lado, a literatura é uma necessidade de todos os sujeitos, a qual desperta sentimentos, emoções e empatia. De outro lado, a literatura torna os indivíduos conscientes e os liberta de mitos, ideologias e restrições de direitos humanos. Nesse sentido, a literatura contribui para o debate no âmbito dos direitos humanos na educação básica. No caso de EJA, os alunos são privados de vários direitos em sua vida. Desta forma, o ensino de literatura pode levá-los à reflexão crítica, humanizadora e uma formação cidadã consciente.

### **3.5. Silenciamento da literatura na BNCC e na Reforma Ensino Médio**

A publicação da Base Nacional Curricular Comum trouxe discussões e insatisfação por parte dos professores. Em particular, no ensino médio, há dois agravantes que reduzem drasticamente o trabalho com a literatura: o apagamento da literatura pela BNCC e pela reforma do ensino médio.

Antes da BNCC, havia a disciplina de literatura no ensino médio. Chamava-se Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Portuguesa. Assim, nos antigos PCNs, havia espaço para a literatura como componente curricular. Contudo, as mudanças que a BNCC trouxe agravam e dificultam o trabalho de literatura no ensino médio, e, em particular, na EJA. Há um notável silenciamento da literatura na BNCC que será desastroso para a formação de leitores críticos na perspectiva humanizadora e literária. Assim, onde deveria haver espaço para a diferença e as diversidades culturais e literárias, tem-se a apresentação da literatura como um conjunto de recomendações e supostas competências que o professor deverá, sem muitos elementos, desenvolver no ensino médio. Daí a pergunta: Onde está o direito à literatura, proposto por Candido (2011)? Mais uma vez, os estudantes das classes mais pobres como os da EJA, que já não tem acesso às obras literárias em casa, serão privados de acesso à literatura e ao desenvolvimento de suas possibilidades críticas em relação à diversidade, à diferença e à experiência literária.

Consequentemente, há um silenciamento da literatura na BNCC. O que se encontra é bastante restrito e superficial, como se nota nas páginas 499 e 500 da BNCC.

Trata-se apenas de algumas recomendações. A literatura é colocada como um conteúdo dentro da disciplina de língua portuguesa, o que é ínfimo e insuficiente para a formação crítica dos indivíduos, ficando em segundo plano. O risco é de que a literatura não seja contemplada de forma ampla no ensino médio. Na BNCC, observa-se que a literatura é tratada da seguinte forma:

Em relação à literatura, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio. Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes. (BRASIL, 2022, p. 499)

Embora se coloque como sendo uma nova perspectiva, eliminando períodos e escolas literárias, ela é reduzida ao Campo Artístico-Literário de forma muito breve e em sugestões e recomendações a serem seguidas. Ora, a literatura não pode ser vista de forma isolada sem se analisar o contexto histórico e cultural em que foi produzida. Colocar a literatura na forma de isolada, sem relação com o social, traz prejuízos para que os indivíduos tenham uma formação crítica e cidadã de qualidade.

Além disso, as considerações sobre a literatura são colocadas de forma genérica, sem considerar que a literatura é uma grande área de conhecimento, a qual deveria ser contemplada num componente curricular específico:

- a ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas – literatura juvenil, literatura periférico-marginal, o culto, o clássico, o popular, cultura de massa, cultura das mídias, culturas juvenis etc. – e em suas múltiplas repercussões e possibilidades de apreciação, em processos que envolvem adaptações, remediações, estilizações, paródias, HQs, minisséries, filmes, videominutos, *games* etc.;
- a inclusão de obras da tradição literária brasileira e de suas referências ocidentais – em especial da literatura portuguesa –, assim como obras mais complexas da literatura contemporânea e das literaturas indígena, africana e latino-americana. (BRASIL, 2022, p. 500)

O que é flagrante na BNCC é a forma ampla, generalizada e reducionista que se coloca para o ensino de literatura. Essa diversidade de diferentes literaturas é importante de ser trabalhada, mas como será possível com uma carga horária reduzida dentro da aula de Língua Portuguesa? São tantas obras de diversas literaturas que se corre o risco

de cair num ensino generalista da literatura, sem garantir profundidade e formação crítica, cultural, identitária, humanizadora e cidadã aos alunos do ensino médio. Isso é agravado na EJA, em que o tempo de ensino é reduzido a três semestres. Essa citação acima mostra que a amplidão de obras literárias e diferentes vertentes literárias não serão suficientemente abordadas, o que revela o caráter superficial da BNCC em relação à literatura.

Como se vê, a literatura fica restrita ao Campo Artístico-Literário, não tendo o mesmo espaço que deveria ter se fosse estruturada curricularmente como um componente curricular específico. Assim, a literatura passa a ser apresentada como um conjunto de apenas nove habilidades esquematizadas de forma muito ampla e reducionista:

Imagem 1 – Habilidades na BNCC

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO	
PRÁTICAS Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica	
Habilidades	Competências específicas
(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.	6
(EM13LP47) Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, <i>slams</i> etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, <i>playlists</i> comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.	3, 6
(EM13LP48) Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.	1, 6
(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.	1, 6
(EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.	6
(EM13LP51) Selecionar obras do repertório artístico-literário contemporâneo à disposição segundo suas predileções, de modo a constituir um acervo pessoal e dele se apropriar para se inserir e intervir com autonomia e criticidade no meio cultural.	3

Fonte: BRASIL, p. 525.

Imagem 2 – Habilidades na BNCC (continuação)

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO	
PRÁTICAS Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica	
Habilidades	Competências específicas
(EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.	1, 2
(EM13LP53) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, <i>vlogs</i> e <i>podcasts</i> literários e artísticos, <i>playlists</i> comentadas, fanzines, <i>e-zines</i> etc.).	1, 3
(EM13LP54) Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico –, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, <i>fanfics</i> , <i>fanclipes</i> etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.	1, 3

Fonte: BRASIL, p. 526.

Como se observa, o trabalho do professor com a literatura no ensino médio está reduzido a nove habilidades que devem ser desenvolvidas. Incorre-se no risco de que não se trabalhe a literatura de forma aprofundada, sendo abordada apenas *en passant*.

Costa (2005) apresenta uma análise da organização curricular com base nas competências. Segundo a autora, o que se busca desenvolver são competências e habilidades, correndo-se o risco de que os conteúdos fiquem em segundo plano. Além disso, segundo Costa (2005), “argumenta-se que uma organização escolar que vise ao desenvolvimento de competências não supõe um abandono da ideia de disciplina.” (p. 56). Contudo, o que aconteceu com a literatura foi a extinção da disciplina, sendo que toda uma área de conhecimento foi reduzida a um campo de nove habilidades. Além disso, Costa (2005) faz uma crítica e destaca sua preocupação quando se coloca diversas formas de conhecimento em função de competências:

Expresso, então, a preocupação de que colocar o conhecimento em função da competência pode resultar numa lógica reducionista, em que o mesmo é interpretado como um meio de treinamento e execução de tarefas. Ao assumir essa lógica, os sistemas de ensino devem preocupar-se em não relativizar a importância do conhecimento, que, segundo Moore e Young (2001), deve continuar sendo o centro do debate curricular. A reflexão sobre os conhecimentos a serem trabalhados na escola não pode se limitar a estabelecer se os mesmos estarão ou não a serviço de uma competência, o que limitaria sobremaneira a função formadora da educação escolar. (COSTA, 2005, p. 61)

O reducionismo no ensino de literatura é muito preocupante, na medida em que o espaço da literatura no currículo pode não ser garantido, visto que está relegada a nove habilidades dentro do ensino de Língua Portuguesa. Como se nota, a BNCC enfatiza apenas um conjunto de competências e habilidades, sendo que os conteúdos, conhecimentos e o componente curricular de literatura ficam em segundo plano, ou, para ser mais crítico, ficam silenciados e apagados. Nesse sentido, segundo Porto e Porto (2018),

O apagamento da literatura e por consequência a não obrigatoriedade da formação de leitores literários, a considerar a proposta da BNCC, pode ser fatal no sentido de sedimentar, de forma ainda mais contundente, a educação literária na formação dos alunos – uma educação que já se vê com inúmeros problemas desde os anos 1980 quando surgem pesquisas, como as de Zilberman (1988), apontando para a crise no ensino de literatura nas escolas. Em uma leitura talvez mais pessimista, o descaso com a abordagem da literatura na formação de crianças e adolescentes pode ser ainda mais devastador porque poucas são as possibilidades de formar leitores de literatura no ensino médio se as leituras literárias não se constituírem em um hábito a ser ampliado nessa etapa final da formação básica [...] na etapa seguinte, a literatura possa ser contemplada não apenas como um gênero textual dentre outros, mas também como objeto estético a ser apreciado com maior capacidade de análise, reflexão e interpretação. (PORTO; PORTO, 2018, p. 22).

Como se observa, é grave o apagamento da literatura seja no ensino fundamental, seja no ensino médio. O que é mais preocupante é a EJA. São alunos desfavorecidos socialmente, a EJA não tem diretrizes curriculares no Tocantins, além de que o ensino de literatura fica reduzido devido à carga horária reduzida na EJA.

O que é mais agravante, além do silenciamento da literatura na BNCC, há o novo ensino médio que apaga a literatura do currículo das escolas. Theisen, Tonin e Cassol (2022), em seu artigo *O Apagamento da Literatura no Novo Ensino Médio Brasileiro*, apontam o apagamento da literatura na reforma do ensino médio. Esse apagamento tem impactos na formação humanizadora e crítica dos cidadãos,

principalmente da escola pública que tem pouco acesso às obras literárias. Os autores constatam que a literatura, seus conteúdos e o componente curricular estão sendo apagados do ensino médio. Isso fere a formação cidadã dos sujeitos, visto que a literatura proporciona grandes benefícios do processo de humanização, sensibilidade, crítica e empatia para os problemas sociais.

Segundo Theisen, Tonin e Cassol (2022), destaca esse apagamento da literatura na BNCC e no novo ensino médio. Em relação à literatura no ensino médio, os autores enfatizam que

a Literatura não aparece na BNCC como uma disciplina, mas integrada à Língua Portuguesa, na grande área “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”. A princípio, essa associação parece interessante, visto que a Literatura, dentre diferentes dimensões, é um fenômeno da língua. No entanto, sua ausência, enquanto campo do saber, parece mais um sintoma da forma evanescente e até mesmo subliminar de como a Literatura (não) é apresentada no documento. Nas sete competências que integram a área de Linguagens Códigos e suas Tecnologias, não há sequer uma ocorrência da palavra Literatura. (THEISEN, TONIN e CASSOL, 2022, p. 6).

Como se nota, o apagamento da literatura na BNCC é evidente, visto que são mencionados apenas como habilidades, não sendo mencionado no âmbito das competências, muito menos sendo uma disciplina autônoma no currículo do ensino médio.

Nesse sentido, os autores apontam que a Lei N. 13.415, que impõe a reforma do ensino médio no Brasil, está intimamente ligada à BNCC, a qual estabelece o ensino por meio de competências. Já o novo ensino médio é organizado por meio de itinerários que fragmentam o ensino e apagam componentes curriculares importantes como a literatura. Segundo os autores,

Como se pode inferir, tal ensino fragmentado apenas dá continuidade ao processo de manutenção das desigualdades sociais. Isso muito se assemelha aos processos industriais do século XX, nos quais cada trabalhador possuía uma atividade distinta, sem ter noção de como se dava o processo completo ou qual o resultado dele, em escolas tayloristas-fordistas. (THEISEN, TONIN e CASSOL, 2022, p. 6)

Desta forma, os estudantes da rede pública e, principalmente, os alunos da EJA, terão pouco acesso à literatura e serão prejudicados em sua formação. Assim, tanto a BNCC quanto a reforma do Ensino Médio apagam a literatura e tiram o direito à literatura, conforme Candido (2011). Segundo Theisen, Tonin e Cassol (2022),

Entendemos que da maneira como a reforma está sendo imposta para a sociedade, acenando para a intensa valorização da formação de mão de obra barata para as classes menos favorecidas, afastará cada vez mais os jovens da escola pública e de uma formação integral que dê acesso ao conhecimento científico, à autonomia, à emancipação e cidadania e ao conhecimento adquirido construído pela humanidade em diferentes áreas do conhecimento, aumentando o distanciamento entre qualidade do ensino médio público e privado e prejudicando fortemente um projeto de qualidade de educação da escola pública. Trata-se de uma reforma que não democratiza o acesso ao conhecimento dos jovens da escola pública e diminui as possibilidades de mobilidade social e transformações estruturais. (THEISEN, TONIN e CASSOL, 2022, p. 6)

Como se nota, a literatura é importante para a formação cidadã de estudantes mais desfavorecidos, principalmente os estudantes da EJA. Dessa forma, o acesso a diversas formas de conhecimento e à reflexão crítica são negadas à grande massa de indivíduos das classes trabalhadoras. Theisen, Tonin e Cassol (2022) apontam também que a literatura já é suprimida no ensino fundamental. Segundo eles, há:

a supressão de conteúdos literários ainda nas matrizes do ensino fundamental, quando a Literatura deveria ter um lugar privilegiado justamente para que a imersão no texto literário seja construída de forma prazerosa, motivando a aquisição do hábito de leitura para que este perdure por toda a vida do sujeito. (THEISEN, TONIN e CASSOL, 2022, p. 7)

Como se percebe, é evidente a desvalorização, apagamento e silenciamento da literatura no ensino fundamental, médio e na BNCC. Esse apagamento dos conteúdos de literatura ocasiona perdas na formação crítica e cidadã dos alunos da educação básica, em particular no ensino médio e na EJA. Ainda segundo os autores,

compreendemos que a Literatura deve estar no espaço escolar e não deve ser esquecida, já que, como aponta Candido (2011), ela é um direito e, como tal, precisa ser assegurada a todos, principalmente em âmbito escolar. Ao mesmo tempo em que frisamos que a Literatura deve estar presente no Ensino Médio, constatamos que a reforma desse nível de ensino foi prejudicial para a formação total do sujeito, além de interpretarmos que esse é um momento muito precoce para que os estudantes façam uma escolha tão importante para as suas vidas. (THEISEN, TONIN e CASSOL, 2022, p. 15)

Portanto, tanto a reforma do ensino médio como a BNCC são extremamente prejudiciais à formação cidadã crítica, humanizadora e na perspectiva da diversidade e da diferença.

## 4 PROJETO LITERÁRIO NA EJA

### 4.1 Materiais Didáticos no Ensino de Literatura na EJA

Quando pensamos em materiais de ensino, nos vem essa pergunta, mas o que são esses materiais? O material didático é uma ferramenta didática que pode ser utilizada como base, suporte e orientação para os alunos. É como um manual de instruções sobre um tópico específico. O material de apoio pode ser qualquer recurso relacionado à formação educacional, ou seja, é direcionado ao objeto da pesquisa e apresentado de forma detalhada para obtenção da aprendizagem. Os materiais didáticos são todos os materiais destinados a apoiar as atividades de ensino, de forma que o seu conteúdo e a disseminação do conhecimento sejam articulados de forma sistemática e de acordo com o plano de ensino. Ou seja, material didático refere-se a todo e qualquer recurso utilizado no processo de ensino, destinado a motivar o aluno e aproximá-lo do assunto abordado.

Além disso, lembramos que o livro didático também faz parte do plano de ensino da escola, pois serve como referência para o processo de ensino e aprendizagem, orientando o processo de sequência de ensino dos alunos e o trabalho dos professores. É o referencial teórico das disciplinas do curso, além de ser planejado e certificado, pelo seu cunho científico, baseado em dados e investigações, constitui uma das principais fontes de conhecimento. Segundo Cerqueira e Ferreira (2011. p. xx),

Recursos didáticos são todos os recursos físicos, utilizados com maior ou menor frequência em todas as disciplinas, áreas de estudo ou atividades, sejam quais forem as técnicas ou métodos empregados, visando auxiliar o educando a realizar sua aprendizagem mais eficientemente, constituindo-se num meio para facilitar, incentivar ou possibilitar o processo ensino aprendizagem.

Dessa forma, fornece um referencial conceitual de peculiaridade, alguns materiais didáticos também são utilizados para o aprendizado prático por meio de ferramentas que constroem o conhecimento através da vivência.

Segundo Bastos *et al.* (2016), os recursos didáticos “surgem da necessidade de tecer considerações e novas leituras sobre as concepções e os usos desses importantes instrumentos pedagógicos nos processos de ensino aprendizagem de jovens e adultos”.

Assim, conhecemos a importância do uso desses materiais como forma de apoio nessa prática, consolidando o trabalho planejado e orientado pelos professores, principalmente quando falamos em turmas de EJA, visto a escassez de recursos e materiais didáticos nessa modalidade, que são importantíssimos, principalmente quando escolhidos e adequados as primordialidades dos estudantes. Deve-se lembrar que há a necessidade de tratar o livro didático como instrumento auxiliar na prática do professor, como forma de ampliar a aprendizagem, através das competências e habilidades, próprias do processo de formação de turmas da EJA. Segundo Bastos *et al.* (2016)

“Deuses e monstros” Fragmento da dissertação de Mestrado de Roseli Pereira da Silva, a autora aborda a introdução do cinema como uma das formas culturais mais significativas e traz exemplos de experiências locais que incentivaram a utilização do cinema como recurso educativo. Mostra ainda a importância de se reconhecer o trabalho como o audiovisual como ferramenta pedagógica, abordando, inclusive, diferentes visões sobre o audiovisual: enquanto alguns o consideram a solução para todos os problemas, outros o encaram como um vilão que subverte as mentes mais pacíficas.

Assim, segundo Paulo Freire, (2002. p. 37), educar é substantivamente formar. Dessa forma, tive como idealização para produção desse trabalho de dissertação, vivenciando essa prática transformadora, do uso do cinema (audiovisual) como forma de atingir os alunos da modalidade EJA. Visto que chegavam muito cansados de sua labuta, para as aulas de literatura que seguiam o padrão da normalidade do ensino, e que algumas escolas não têm tido esse olhar significativo para essa modalidade. Eu, como professor e facilitador, na busca pela inclusão, e recursos de que pudessem facilitar a leitura de obras tão complexas, e tentando seguir as propostas que a base do ensino da EJA contempla, busquei nas mídias tais obras.

Então trabalhava numa escola estadual do Tocantins com turmas de terceiro ano do ensino médio na modalidade de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos) as obras com o recurso do cinema e trazia fragmentos dos textos das obras originais para trabalhar a compreensão e interpretação dessas mesmas. Ressaltamos que não se pode deixar de dar a devida relevância ao uso do livro, que na sua versão, traz a escrita original do autor, assim, oportunizando uma visão particular ao aluno que lê o texto na sua íntegra, melhorando sua capacidade de leitura, compreensão e interpretação.

## 4.2 Letramentos

Podemos dizer que letramento está ligado aos estudos das práticas relacionadas com a escrita em todas as atividades da vida social em distintas esferas da atuação humana. Ainda segundo Street (1995, p. 2) “‘eventos de letramento’, como ocasiões empíricas em que o letramento é completo, mas também modelos populares desses eventos e as concepções ideológicas que os sustentam”. No Brasil, as pesquisas voltadas para o âmbito do letramento derivam da década de 1990, com autores que investigaram o tema profundamente como o livro **Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnográfica e na educação** de Brian Street onde nos é mostrado uma reflexão sobre o letramento como prática social e cultural observando as múltiplas práticas letradas. Segundo Street (2003, p. 4) defende que o modelo ideológico de letramento

oferece uma visão com maior sensibilidade cultural das práticas de letramento, na medida em que elas variam de um contexto para outro. Esse modelo parte de premissas diferentes adotadas pelo modelo autônomo – propondo, por outro lado, que o letramento é uma prática de cunho social e não meramente uma habilidade técnica e neutra, e que aparece sempre envolto em princípios epistemológicos socialmente construídos.

Dessa forma, quando escrevemos uma carta, lemos uma revista ou um livro essa prática se apresenta em uso. São esses eventos que nos trazem para a ideologia situacional que carrega a prática de uso social envolvendo o ambiente familiar ao aluno que interage através da leitura e da escrita de seus sentidos interpretativos. Como cita (ROJO, 2009, p. 11) quando diz em seu prólogo: “defendo que um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática”. Segundo Kleiman (2007) não é sua formação crítica, mas a sua própria condição de letrado. Assim,

Os estudos do Letramento defendem uma concepção pluralista e multicultural das práticas de uso da língua escrita. Sem cair em simplificações que neguem a evidente hierarquização das práticas sociais no nível macroinstitucional, as metodologias etnográficas para a geração de dados, assim como os métodos analíticos dos estudos discursivos (da sociolinguística interacional, da pragmática ou das teorias da enunciação) utilizados nessa abordagem, permitem focalizar atividades situadas, locais, nas quais são construídos contextos sociais em que há distribuição do poder e

nos quais podem ser subvertidos – mesmo que temporariamente – posicionamentos predeterminados e papéis fixos já institucionalizados. (2007, p. 490)

Dessa forma, a prática social da comunicação do educando em suas interações, está da mesma forma ligada ao uso que o mesmo faz da escrita. Esse está amplamente relacionado ao âmbito social e cultural da língua. Já na escrita, observamos que essa modalidade requer mais preparo, uma vez que possibilita a junção de experiência mais amplas, como na escola e na vida pessoal, juntando os conhecimentos teóricos institucionais com suas reflexões pessoais. É através do conjunto: “fala e escrita”, que que esses educandos criam suas personalidades. Quando pensamos em literatura e ensino, não podemos esquecer de citar os gêneros, levando-se em conta a dessemelhança da oralidade e da própria escrita, assim ligado de fato à função social da linguagem, como forma de incentivar as relações entre o educando e seu mundo. Pois é através desses gêneros textuais que os educandos compartilham suas experiências, ou por seus escritos ou por suas falas, contribuindo e absolvendo através dos espaços de suas esferas sociais. “Em síntese, nosso corpo linguagem é feito das palavras com o que exercitamos, quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem e, por extensão, maior que é o meu mundo” (COSSON, 2006).

No entanto, letramento pode ser mais amplo, Segundo Street (1984) onde se fala de letramentos autônomo e ideológico. No autônomo a utilização da escrita está voltada ao uso análogo, desprezando-se questões socioculturais que as regeriam. No ideológico, considerado o mais interessante, onde se observa as regras impostas pelas condutas que envolvem essa prática, onde se acorda os vieses que excluem ou incluem os educandos no apoderamento dos discursos de poderio. Segundo Cosson (2009. p. 17),

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção.

Assim, é através dessa concepção forjada entre nós e comunidade a que pertencemos, que encontramos significados relevantes para o letramento literário,

naquilo que nós mesmos dizemos e não simplesmente nos foi dito, torna-se mais original, é assim que encontramos a compreensão da experiência dialética e humanista. Segundo Bagno, (2000. p. 32),

Me parece muito mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO, 2002b, p. 32)

Dessa forma, não devemos falar em letramento literário sem pensarmos na oralidade e na escrita. É visualizando as atividades sociais como contribuição na forma como se produzirá as propostas, dispondo de diferentes gêneros que se pretende dominar essa prática social, não simplesmente com o uso da morfologia e da gramática, mas, com uma nova concepção de soma de práticas sociais a que se faculta. Segundo Marcuschi (2008, p. 19),

até mesmo os analfabetos, em sociedade com escrita, estão sob a influência do que contemporaneamente se convencionou chamar de práticas de letramento[...] não podemos esquecer a relevância da escrita na vida desses sujeitos, visto que mesmo aqueles que de alguma forma não obtiveram seu domínio sofrem as influências dos cânones da escrita.

Através das diversas leituras observamos que existe duas situações de letramento: O letramento tradicional que ainda se prende aos cânones do papel, egocentrismo e produção linear, dentro dos padrões existentes para as escolas da época. Os novos letramentos que, de forma mais ampla, absorvem todas as tecnologias, empreendem dinamismo para o mundo contemporâneo. Seguindo essa concepção, os materiais didáticos também evoluíram e o professor pesquisador, constantemente visa essas novas ferramentas, como contribuição para a investigação de formas facilitadora à apresentação de um maior número de conteúdos e conseqüentemente alçar um quantitativo mais amplo de alunos.

### 4.3 Letramento Literário

O componente curricular de literatura na educação brasileira encontra-se enfrentando muitas dificuldades em relação aos conteúdos que devem ser aplicados em sala de aula, para se atingir o programa da escola formal. Segundo Cosson, (2006, p. 20) “Para muitos professores e estudiosos da área de letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular”. Logo após realizar a leitura do livro do Cosson, fui capaz de confirmar o que na prática já estava visível, a literatura encontra-se cada vez mais ausente nas práticas de sala de aula. São muitas as questões que abordam essa prática de letramento literário, quando pensamos na promoção da leitura literária, nos vem os questionamentos; de que forma podemos dinamizar a leitura literária nas turmas da EJA? Quais as práticas de sucesso podem ser desenvolvidas em sala de aula para que os alunos entendam o que leem nessas literaturas? Como despertar nos alunos da EJA o gosto pela leitura? Todos esses questionamentos foram analisados de forma documental através das pesquisas realizadas entre diversos estudiosos, dentre eles vamos destacar o Rildo Cosson, Roxane Rojo, entre outros que se destacam no cenário literário atual e que tem esse olhar para o letramento literário que vamos abordar de forma mais detalhada buscando olhares para mudanças que visem o aproveitamento de forma mais atual, em virtude dissonância encontrada e abordada por colegas de trabalho e alunos que não se veem atraídos pelas temáticas abordadas da tradição curricular das escolas. Segundo Cosson (2009, p. 23),

Devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

Dessa forma, o letramento literário não se limita a fazer o aluno ler as obras consideradas tradicionais dentro da educação brasileira... Que segundo o próprio Cosson fala em sua obra que “as imagens hoje são muito mais importantes do que as palavras e a literatura com seus romances e poemas, deveria ser substituída como objeto de estudo por filmes, telenovelas e outros artefatos mais significativos culturalmente”.

É através da escola que seus profissionais buscam se aperfeiçoar em metodologias mais eficazes que despertem nesses sujeitos a sapiência do letramento

literário em sua fonte. Quando se fala em literatura não podemos esquecer-nos de Antonio Candido, que em sua obra “*O direito à literatura*”, defende que a literatura é, ou ao menos deveria ser um direito básico do ser humano, pois a ficção atua no caráter e na formação dos sujeitos. É com essa concepção que pensamos no letramento literário, destacando não apenas como o direito dos sujeitos da EJA como aqui falamos, mas como um direito universal, onde se visualiza a libertação, a voz, a realidade vivenciada na perspectiva desses mesmos sujeitos.

Assim como também afirma Cosson, nosso corpo linguagem é feito das palavras com que o exercitamos quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem e, por extensão maior é o meu mundo. Segundo Cosson (2009, p. 16), leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um mundo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos. Mundo esse que esses sujeitos podem retratar em suas experiências de vida na sala de aula, como forma de fortalecer a sua própria existência dentro da sociedade, em que muitas vezes não se vê representado, dessa forma fortalecendo os vínculos com a escola e a comunidade na qual está inserido. Pois, segundo Antonio Candido, “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Vislumbramos o brilho libertador que Cosson cita em sua obra letramento literário e a necessidade de não mutilar a personalidade, como direito universal abordado por Candido, dessa forma a proposta de “***Projeto Literário e letramento literário na EJA***”, se apresenta como proposta de atividades sugeridas que buscam potencializar esse trabalho, valorizando o não apenas as propostas da escola tradicional, mas também, abordando a cultura local, trazendo para sala de aula essa vivência e ressignificar as práticas utilizadas pelos profissionais de língua portuguesa. Segundo Rojo (2009, p. 23) “temos pelo menos metade da população ainda muito longe da realidade de uma escolaridade de longa duração, que possa ser tomada como uma experiência significativa e rica, ao invés de um percurso de fracasso e de exclusão, para falar sobre “*Insucesso escolar no Brasil do Século XX*”. Dessa forma, precisamos mudar essa realidade para o além-muros como cita a autora, buscando essa cultura em sua fonte, os sujeitos da EJA. Segundo Scoparo (2012, p. 85, apud PARANÁ, 2009, p. 16),

A língua é considerada uma criação social por acompanhar as mudanças da sociedade. Ela coloca à disposição do indivíduo muitas possibilidades de repertório para o seu discurso: “A linguagem é vista como fenômeno social, pois nasce da necessidade de interação (política, social, econômica) entre os homens”.

Assim, esse conceito, segundo a autora, tem como base teórica as reflexões de Bakhtin (1992), valorizando, dessa forma, a participação dos sujeitos nas transformações em a comunicação pode contribuir na literatura em suas várias apresentações que as atividades propostas pela escola podem proporcionar para esses sujeitos da EJA. É através dessa sequência didática e letramento literário fílmico que o processo de ensino se alia para realizar a aprendizagem. Segundo Cosson (2009, p. 20) “professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX que já não tem razão de ser no século XXI.” Levando-se em consideração essa passagem e trazendo para a sala de aula, em vivências com as turmas da EJA, que me fizeram acreditar que há fundamentos nessa teoria. Principalmente, quando se trata de turmas da EJA, onde cada vez mais o tempo é precioso, e fica muito limitado ou até mesmo sufocado dentro da disciplina de Língua Portuguesa.

São de grande relevância os textos literários na formação dos indivíduos em fase escolar, pois é assim que o professor observa esses textos, como fonte de conhecimentos que irão abordar todas as teorias que são inerentes à interpretação e a compreensão para poder aplicar seus conhecimentos teóricos em sua prática docente. Segundo Luft (2012, p. 163),

Para formar um leitor crítico e sensível, capaz de compreender e interpretar aquilo que lê, de construir significados e transformá-los em palavras, exige-se do mediador de leitura uma intervenção adequada, contínua e explícita, que precisa ocorrer de forma consciente e sistemática antes, durante e depois das atividades de leitura.

Assim, o professor deve colocar seus alunos em contato com essas obras como forma de despertá-los para transformação que o letramento literário pode trazer para suas vidas. Além disso, através da sequência didática e letramento literário pode-se obter resultados satisfatórios para o desenvolvimento do leitor explorando seus potenciais.

As reflexões sobre a relevância da literatura e seu papel de libertação são extensas. É concórdia entre cientistas e estudiosos sobre o papel social exercido pelas práticas de leitura, principalmente na sociedade contemporânea.

O contexto social brasileiro, principalmente para os alunos da escola pública, por vários fatores, não favorece a formação de cidadãos leitores. Estudantes provenientes de famílias nas quais a prática da leitura é quase inexistente; escolas sem bibliotecas ou quando existem, são sucateadas, muitas vezes funcionando como depósitos; livros caros e quando existem são insuficientes; políticas públicas que não valorizam a cultura do desenvolvimento crítico dos cidadãos. Esses são apenas alguns obstáculos enfrentados por professores que de fato se dedicam e acreditam no poder transformador da leitura, mesmo sabendo-se que assim como defendem Santos, Neto e Rosing (2009) a formação inicial e continuada de mediadores da leitura, como professores e bibliotecários, o envolvimento da família no ato de ler, o desenvolvimento de estratégias de leitura e a potencialização da leitura na era do audiovisual são fatores determinantes para a formação de leitores.

Cosson (2009, p 23) afirma que “devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola”. Não resta dúvida de que essa seja uma responsabilidade da escola, porém, só a escola, sem que existam as devidas condições para que isso possa ocorrer, dificilmente será capaz de vencer tal empreitada. É preciso trazer a participação do aluno, para que ele compreenda a importância do ato de ler e passe a enxergar a literatura como aliada no processo individual e coletivo de construção da cidadania. Nesse sentido, sabemos que muitas vezes os professores travam verdadeiras batalhas solitárias, lutando contra esse cenário nada encorajador no qual se encontra a escola pública brasileira.

De acordo com Yunes (1995), “Ler significa descortinar, mudar de horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. Desde o início a leitura deve contar com o leitor, sua contribuição ao texto, sua observação ao contexto, sua percepção ao entorno.” Assim, nessa perspectiva, ao estimular a percepção de si mesmo e do seu entorno, a leitura propicia que o leitor comece a interagir nesse meio, transformando-o e reconstruindo-o no intuito de sempre aprimorá-lo.

Cosson defende que o processo de letramento literário é diferente da leitura literária por fruição. Existem mecanismos de leitura que devem ser ensinados ao aluno para que ele possa desenvolver seu senso crítico e aprenda a se posicionar diante do que

lê. É justamente essa habilidade que deve ser desenvolvida na escola para que o aluno desperte o interesse pela aprendizagem propiciada pela leitura. Segundo Cosson, para que exista prazer pela leitura é preciso que ocorra primeiramente o letramento literário e, para que o letramento literário ocorra de forma efetiva, é preciso que o aluno tenha acesso a bons materiais para leitura; e isso, como bem se sabe, nem sempre está acessível para todos. É com essa realidade que nossa proposta de sequência didática e letramento literário se mostra mais acessível como forma de atingir mais alunos de forma mais uniforme.

É sabido que os recursos tecnológicos são desenvolvidos para facilitar nossa vida. Contudo, é também de conhecimento que em função de desníveis presentes em nossa sociedade, muitas vezes impedem que esses recursos cheguem para todos. Assim, a escola se sente desafiada a lidar com essas desigualdades e surge o questionamento: Como conciliar o ensino de literatura diante dessas desigualdades? O livro físico muitas vezes não é encontrado nas escolas e, dessa forma, o recurso fílmico se mostra mais acessível de forma a atingir um número maior de envolvidos nessa forma coletiva de se fazer a leitura juntando literatura e imagem que retratem a obra que traga de forma mais objetiva e rápida essa resposta. É desta forma que teremos um acesso mais atuante para que o aluno possa desenvolver seu senso crítico, coletivo para que possa se posicionar enquanto cidadão consciente e atuante, para fazer valerem os seus direitos frente à sociedade.

Assim, parafraseando as palavras de Rosing e Rettenmaier (2014), talvez este seja o maior papel da escola ao formar leitores: ampliar as possibilidades de interpretação do sujeito no contato, mesmo impresso, digital ou fílmico, com as múltiplas linguagens possibilitando que esse mesmo sujeito se reinvente e reconstrua sua própria realidade.

#### **4.4 Gêneros Textuais e Literários**

Quando pensamos em sequência didática e letramento literário não podemos esquecer a questão dos gêneros textuais, principalmente quando pensamos em abortar essa sequência de forma fílmica, onde há inúmeras possibilidades de abordagens de fatos ou ficções, que se apresentam para auxiliar o ensino na sala de turmas da EJA.

Observando que o professor tem como parceiro o recurso metodológico do filme, e possibilita aos participantes uma viagem literária através dos multiletramentos presentes. Dessa forma, permeando as capacidades de linguagem, segundo Rojo (2009, p.106),

As mudanças fazem ver a escola de hoje como um universo onde convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares autônomos, sempre em contato e em conflito, sendo alguns rejeitados ou ignorados e apagados e outros constantemente enfatizados.

Assim, a escola necessita apropriar-se desses múltiplos letramentos que fazem a diferença na prática docente, e que podem fazer a diferença no processo de ensino. Em parceria com o gênero fílmico aumenta as chances de somar na prática de ensino na sala de aula. Esse gênero proporciona uma cognição, partindo de um sequenciamento planejado e propositado para o ato de ensinar e aprender. Segundo Dionísio (apud Marcuschi 2010, p. 21),

Por certo, não são propriamente as tecnologias per se originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Assim, os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão por sua vez propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos. Daí surgem formas discursivas novas.

Diante do exposto, é apropriando-se da literatura de forma fílmica que é apresentada como proposta de cunho pedagógico que visualizamos a formalização da metodologia de aprendizagem com a utilização desse gênero. Através do planejamento e sequenciamento literário objetivando-se o que se almeja alcançar. Além de observarmos que o cinema contém expressiva multifuncionalidade, pois transpassa uma gama de conhecimentos incríveis, dialogando com outras vozes e diversas expressões artísticas como: o teatro, a dança, a poesia, as HQs, e a literatura entre outros, conchavo de significados que vai além da tangibilidade da película. Assim Dionísio nos diz que “partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto”. Dessa forma é possível pensar que os filmes estão cada vez mais acessíveis para uso nas salas de aulas, podendo influenciar o uso numa perspectiva de

gênero amplo de possibilidades, abrindo uma janela a tudo que está lá e apropriando-se, das competências necessárias para transformar à sala de aula. Segundo Napolitano (2006, p. 11),

Trabalhar com gênero cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.

Dessa forma, o gênero fílmico apresenta uma oportunidade de conhecimento e desencadeia a atenção do público quando utilizado como instrumento de ensino. Os sujeitos percorrem um amplo ambiente de narrativas variadas, de fatos e/ou ficcionais, que lhes é apresentada na forma literária do gênero fílmico. Como nos diz Rodrigues, (1999, p. 76) “pensar em educação significa pensar no tipo de preparo requerido para o enfrentamento com este mundo de crescente complexidade e permanente mudança e na necessária tomada de consciência dessa realidade”. Ressalta-se a importância de pensar num tipo de abordagem específica, a sequência didática e letramento literário na EJA, onde a obra apresentada seja selecionada previamente, atendendo as demandas de visões de mundo e realidades onde os mesmos possam se inserir e levantar questionamentos sobre a sua importância dentro da obra. Segundo Silva (apud CARVALHO, 2008, p. 32),

Portanto, há a necessidade de desenvolver competências para saber ver um filme que vão além do simples fato de gostar ou não da história, atores ou qualquer outra coisa, e sim buscar a intertextualização com outras linguagens. “O cinema é uma arte antropofágica. Devorando os meios que o cercam (Teatro, literatura, pintura, fotografia...), ele criou sua própria linguagem e se firmou com arte do séc. XX – a arte do homem moderno. Nenhum meio artístico, atualmente reflete tão claramente este homem e sua compreensão estética de ver o mundo”.

Assim, não é de hoje que a relação literatura e cinema começam a ter visibilidade nesse gênero tão amplo em relação às narrativas que são abordadas. Assim a projeto literário e letramento literário fílmico, é utilizada de forma efetiva, como um gênero que busca abordar novos conhecimentos e instigar o conhecimento de mundo do sujeito que se envolve na sua linguagem.

Tomamos como ponto de partida o conceito adotado por Bakhtin (2003, p. 261-262), em que ele discute sobre seus escritos efetuados em consonância com os gêneros, e nos diz que:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.

Assim, é dessa forma apresentada por Bakhtin como tipos relativamente inalteráveis de enunciados realizados nos diferentes planos sociais em que é utilizado caracterizando os gêneros do discurso.<sup>5</sup> Se pensarmos que todos esses planos estão interligados a forma como utilizamos esses gêneros. Essa aplicação ocorre na forma que essas apresentações se mostram em condições próprias e as funções de cada um desses planos. Bakhtin observa a diversidade em relação a esses gêneros discursivos, que se encontra pulverizado em todos os planos de atuação humana. Dessa forma, ele não contempla apenas um estudo de gênero (literário, retórico, do discurso cotidiano), o primordial é observar os chamados gêneros primários, ou simples, e secundários ou complexos. Assim, segundo a ordem os gêneros primários são constituídos a partir de uma reprodução da conversa cotidiana por exemplo. Subsequentemente os secundários prezam as situações mais elaboradas da comunicação cultural e assim chamada de artística, científica e sociopolítica. Segundo Bakhtin (1992. p.283),

Ignorar a natureza dos enunciados e as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.

Assim, nota-se que a visão Bakhtiniana de unidade de comunicação que se utiliza na sua prática não é o texto, mas o enunciado, mesmo que os termos em questão

---

<sup>5</sup> Nessa definição, há dois termos que precisam ser lidos com cuidado: o primeiro é enunciado, ao qual voltaremos em seguida, e o segundo é discurso. Embora Bakhtin use a expressão gêneros do discurso e não do texto, nos parece que discurso cobre, para o autor, qualquer tipo de texto oral ou escrito, e será usado aqui desta maneira - ou seja, como (quase-) sinônimo de texto.

sejam considerados equivalentes. Assim, conseguimos visualizar uma unidade textual de grande relevância quando pensamos nos roteiros e nas montagens fílmicas que retratam essas obras que nos mostram a linguagem e sua evolução no tempo e na vida dos sujeitos. São essas obras que de forma mais atualizadas, conseguem criar uma atmosfera de envolvimento com o educando, que precisa se sentir inserido dentro daquela situação para que lhe haja significância.

#### 4.5 Projeto Literário na EJA

A sequência didática pode ser definida como um conjunto de atividades que são sequenciadas de maneira sistemática e que, através de um gênero textual, busca promover a competência em torno de um conteúdo onde os sujeitos são envolvidos nas etapas da aprendizagem e da avaliação. Não se restringe ao campo da linguagem. Sua prática é necessária para que o aluno possa conhecer um gênero em seus aspectos mais amplos e assim possa utiliza-se dessa forma em suas produções textuais futuras. Segundo Rojo, (2010, p. 22),

O que temos no Brasil é um problema com os letramentos do alunado e não com sua alfabetização. E nenhum método de alfabetização – fônico ou global – pode dar jeito nisso, mas, sim, eventos escolares de letramento que promovem a inserção do alunado em práticas letradas contemporâneas e, com isso, desenvolvam as competências/capacidades de leitura e escrita requeridas na atualidade.

Assim, partindo dessa premissa que nos baseamos para dissertar sobre a proposta de *Projeto literário e letramento literário* que podemos visualizar as práticas de letramentos que dialoguem com as adversidades encontradas pelos profissionais envolvidos nessa prática. O letramento literário encontra-se em evolução e necessita de um olhar mais atento dos profissionais envolvidos, para tornar-se acessível e mais próxima dos sujeitos inserindo-os nesse processo que envolve competências e capacidades de leitura e escrita. Segundo Rojo, (2010, p. 25),

Foi para reconhecer esta variedade e diversidade de práticas que a reflexão teórica cunhou, nos anos 1980, o conceito de *letramento*. Usado pela primeira

vez no Brasil, como uma tradução para a palavra inglesa *literacy*<sup>6</sup>, no livro de Mary Kato de 1986, *No mundo da escrita*, o termo “letramento” busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados socialmente, locais (próprios de uma comunidade específica) ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), em grupos sociais e comunidades diversificadas culturalmente.

Assim, o próprio letramento em sua essência nos mostra essa busca pela prática social, onde os sujeitos da EJA são os protagonistas nesse momento, onde sua vida e sua cultura são abordados, discutidos e socializados de forma paradigmática. Nesse momento, visualizamos o uso de literaturas de forma fílmica, mais atualizados e sequenciados para reconstruir essa prática, dentro de um novo contexto em que o aluno se veja envolvido, como fala o Cosson, “os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Dessa forma o professor se sente desafiado nessa busca por formas de apreender o que pode verdadeiramente ter relevância formação do leitor/escritor”. Segundo Cosson (2009, p. 47),

A aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários.

É dessa forma é que visualizamos a sequência didática e o letramento literário em uma retomada da literatura dentro da sala de aula, que crie um ambiente de experimentações e, oportunizando aos sujeitos da EJA, através desse letramento, a sabedoria necessária para se tornar um ser crítico e dotado das habilidades primordiais para promover as mudanças dentro da sua esfera social, fazendo a diferença. Assim visualizamos que teremos um retorno entre o que os sujeitos da EJA leem, e o que ocorre dentro da sua realidade na busca por significados que realmente lhe valham de importância. Segundo Rojo (apud CAFIERO, 2010, p. 87),

Essa nova concepção de leitura pressupõe o outro, os outros. Há um componente social no ato de ler. Lemos para nos conectarmos ao outro que

---

<sup>6</sup> Em inglês, “literacy/literate” recobre os dois significados em português: “letramento/letrado” e “alfabetização/alfabetizado”. Por extensão, também “alfabetismo”. Em parte, isso acontece justamente pelas sucessivas definições propostas pela Unesco para alfabetizado (funcional), que foram levando ao reconhecimento dos letramentos.

escreveu o texto, para saber o que ele quis dizer, o que quis significar. Mas lemos também para responder às nossas perguntas, aos nossos objetivos. Nas aulas tradicionais de leitura, o aluno lê por ler, ou para responder perguntas para o professor saber que ele leu. Em situações sociais, em nossa vida cotidiana, no entanto, lemos para buscar respostas para nossas perguntas.

Assim, o professor tem que se motivar e remodelar os objetivos de ensino e prática de leitura, despertando nos alunos os motivos que não sejam simplesmente o ato da leitura, mas que se sintam presentes nas obras, no processo de desenvolvimento dessa leitura, ouvindo suas vozes e transformando em incentivo as suas descobertas, tendo o professor como mediador dessas experiências, na construção de sujeitos competentes no domínio da leitura.

Em seu livro “*Letramento literário*” Rildo Cosson (2006), nos apresenta a sequência básica que é composta por quatro pilares: motivação, introdução, leitura e interpretação. Apresento cada uma dessas etapas a seguir:

**A motivação:** Conhecimento é poder. É com essa afirmação que podemos criar atmosfera de motivação para a inserção de atividades de aprendizado, que tenham um alinhamento entre o que o aluno procura dentro da sala de aula e o que ele precisa estudar. Segundo Cosson (2006, p. 54), o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. Assim para obter êxito na sua prática o professor precisa instituir conexões do que vai ser trabalhado em sala, com a realidade do aluno que está ou será inserido nesse contexto. Estabelecendo uma relevância em relação a sua opinião e o tema que se pretende abordar.

**Introdução:** A introdução pode ser apresentada como uma iniciação ao conteúdo da obra que será trabalhada, de forma a instruir o aluno sobre o contexto em que será tratado durante a leitura, a apresentação do autor, que poderá ser feita já de forma contextualizada, através de apresentação resumo. Segundo Cosson (2006, p. 61),

Desse modo, a seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio, até como uma possível demanda da leitura, outras incursões na materialidade da obra, são características de uma boa introdução.

Assim, através da leitura e suas possíveis incursões, o aluno pode se ver seduzido pela obra e buscar relevância na sua leitura e assim pode ampliar sua interpretação e as informações necessárias a uma boa compreensão do que se pretende ler.

**Leitura:** Segundo Cosson (2006, p. 63), a leitura do texto literário, como já observamos antes, é uma experiência única e, como tal, não pode ser vivida vicariamente. É através da leitura que o professor pode avaliar as dificuldades que o aluno irá apresentar durante as aulas. Aproveitando para fazermos um paralelo entre a leitura do livro físico e a mesma obra fílmica, que pode ser apreciada de forma diferenciada pelos alunos. E ao apresentarmos essa opção, observamos que até os alunos que não participaram dessa aula, podem de alguma forma se inserir através da visualização da obra em seu tempo, para que possam discorrer sobre o tema na aula seguinte.

**Interpretação:** Segundo Cosson (2006, p. 64) “a interpretação parte do entrecimento dos enunciados que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. É através da interpretação que o aluno vai realizar a leitura buscando significância para o que a obra apresenta e qual a sua contribuição. Nesse processo de sequência básica a interpretação é pensada em dois momentos: um interior e outro exterior. O interior é citado como um momento intimista do aluno com a obra literária e suas impressões gerais do contexto utilitarista. O externo é coletivo, onde o aluno demonstra seu aprendizado com objetividade de forma reflexiva. Na busca de significância do que essa leitura nos mostra em relação a nossa realidade e as contribuições que trará ao nosso futuro.” Cosson nos mostra como exemplo uma atividade com a música popular, no caso a canção *Saudosa Maloca*, de Adoniram Barbosa, uma constante entre as representações de moradia. Mas como exemplo nós trazemos a música *Faroeste caboclo*, de Renato Russo, que retrata não só a moradia, mas também as desigualdades sociais, o racismo, o mundo das drogas entre outros tantos. E que se apresenta não somente a música como opção de trabalho, mas também como filme, que foi roteirizado e vivenciado nas telas numa visão muito mais rica de detalhes e realista.

#### 4.6 Proposta de Atividades para o Ensino de Literatura na EJA

Nesta seção, visualizamos uma proposta de sequência didática para o ensino de literatura na EJA. A sequência proposta neste material não segue uma ordem cronológica, mas uma sequenciação temática. Nada impede, porém, o (a) professor (a) altere a sequência para uma ordem cronológica, iniciando com o Naturalismo e depois passando para o Modernismo.

A sequência temática, nesta proposta, engloba diferentes estágios da vida de milhões retirantes brasileiros, desde a vida difícil no sertão, o momento da migração para a cidade (o retirante), a chegada à cidade e seus deslumbramentos, e, por fim, a vida difícil na cidade. Nessa ordenação temática, as obras estão colocadas da seguinte forma:

**Tabela 1 – Lista de Obras**

<b>VIDA MARIA</b>	<b>A vida difícil no sertão</b>
<b>MORTE E VIDA SEVERINA</b>	<b>O retirante</b>
<b>VIDAS SECAS</b>	<b>O retirante</b>
<b>FAROESTE CABOCLO</b>	<b>A Chegada à Cidade</b>
<b>CORTIÇO</b>	<b>A vida na Cidade</b>

Fonte: Dados da Pesquisa, Nascimento, 2023.

Essa sequência pode favorecer a sensibilização temática e a compreensão da trajetória de vida representada em diversas obras literárias brasileiras.

## PLANO DE ENSINO (SUGESTÃO DE ENSINO)

### **I – Identificação**

---

Título do projeto: *Projeto literário no Ensino de Literatura na EJA*

Professor: *Jair Severino do Nascimento*

Disciplina: *Língua Portuguesa / Ensino de Literatura*

Série/Ano: *1º ao 3º Ano do Ensino Médio (Turmas da EJA)*

### **II – Recursos didáticos**

---

- Livros de literatura pré-selecionados;
- DVD's;
- Aparelho de DVD;
- Aparelho de Televisão;
- Acesso a Streaming<sup>7</sup>

### **III – Objetivo geral**

---

Provocar o entusiasmo nas aulas, através da projeto literário didática no ensino de literatura com a utilização do cinema como um bioscópio em turmas da EJA.

### **IV – Objetivos específicos**

---

Desenvolver os aspectos intelectivos da leitura e da escrita;  
Propiciar o encontro com diferentes formas de linguagem na comunicação;  
Fomentar a junção entre linguagens diferentes mais favoráveis no processo educacional.

### **V – Introdução**

---

A educação é primordial em qualquer sociedade que busca pelo desenvolvimento de sua população, e exerce um papel fundamental no desenvolvimento

---

<sup>7</sup> Streaming é uma forma de distribuição digital, em oposição à descarga de dados. A difusão de dados, geralmente em uma rede através de pacotes, é frequentemente utilizada para distribuir conteúdo multimídia através da Internet. Nesta forma, as informações não são armazenadas pelo usuário em seu próprio computador.

dos seus membros, assim esses sujeitos procuram se aperfeiçoar e enfrentar os desafios de uma sociedade marcada pela competição e pelos valores da ciência. Portanto, é função da escola oportunizar e formar cidadãos para protagonismo dentro dessa sociedade. “A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer os objetos que guiam à leitura.” (Solé, 1998, p. 22).

Uma das preocupações da escola é ensinar os alunos a realizarem uma leitura de mundo. A leitura é uma das habilidades fundamentais para a vida moderna e, principalmente, para a vida escolar, onde se constitui num meio para a aquisição de aprendizagens, como acesso à literatura e ao conhecimento científico e histórico.

É a educação que prepara o aluno para o enfrentamento com o mundo de crescente complexidade as relações que teremos com as diversas formas de conhecimento que surgem.

Ler significa refletir, pensar, estar a favor ou contra, comentar, criticar, ou seja: exercer, desde sempre a cidadania. A proposta de ensinar a ler para aprender privilegia também o ler por ler, ou seja, ler para nutrir e estimular o imaginário (JOLIBERT, 1994), articulando os laços entre a leitura e a possibilidade de mudanças de perspectivas, que nos levam a conhecer novas culturas e novos mundos, reais ou imaginários. Transformando os leitores em sujeitos autônomos.

A palavra literatura, segundo Samuel (1990), formou-se da palavra latina *littera*, letra ou caráter da escritura. Corresponde à palavra grega *γράμμα*, a arte que concerne às letras, à arte de escrever e ler, o que designava qualquer obra escrita, entre elas a literatura como concebida atualmente. Dessa forma a leitura está sempre ligada ao sucesso que o homem tem, na história observamos que nas diversas formas de ensino que o homem sempre esteve ligado se mostrou de forma transformadora.

Aprender a decodificar um texto é adquirir as competências linguísticas que permitem perceber as intenções do interlocutor e, dessa forma dialogar com ele. Assim, aprender a ler um texto é aprender a ler o mundo. Nesse processo de aprendizado, o educando vai assimilando significados e reelaborando seu repertório, que o ajudará a interagir criticamente com o mundo que o cerca.

Pensamos nas diferentes leituras de um texto como na forma fílmica, e é assim, que a inserção desse recurso na sala de aula se apresenta como uma linguagem cada vez mais presente, assim hoje, a escola necessita de uma estratégia para poder desmistificar esta presença, já que os alunos tiveram contato com a tecnologia muito antes da escola,

visto ser muito comum o uso de TV's nas residências e a popularização do cinema no mundo contemporâneo.

Dessa forma a linguagem cinematográfica é usada através de adaptações literárias, o que consideramos é a relação entre palavra e imagem ou a relação entre as linguagens, assim pensamos nessa forma como um modo de utilização mais dinâmico considerando os espaços das escolas em que são trabalhadas.

É neste quadro que o ensino-aprendizagem do cinema e da linguagem cinematográfica tem pertinência, permitindo vitalizar a aquisição de conhecimentos, potencializar formas de expressão, desenvolver o juízo crítico (RIBEIRO, 2002). Assim é imprescindível salientar que, mesmo com o uso desses recursos, é a leitura que, num primeiro momento, está ligada a emissão sonora do texto, além da imagem que se apresenta. E assim o indivíduo visualiza o mundo de uma forma muito mais ampla e pessoal, tornando-se instruído a escolher o melhor para o seu crescimento e a seu desenvolvimento.

## **VI – Bibliografia**

---

- ARAÚJO, I.** *Cinema: o mundo em movimento*. São Paulo: Scipione, 1995.
- FREIRE, P.** *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, P.** *A importância do ato de ler*. 41ª ed, São Paulo: Cortez, 2001.
- GADOTTI, M.** *Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez, 1980.
- GERALDI, J. W.** *O texto na sala de aula: prática da leitura de textos na escola*. 2ª ed, Cascavel: Assoeste, 1984.
- KLEIMAN, C.** *Oficina de Leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- LÜCK, G.** *Página à página: faça seus alunos se interessarem pela leitura*. Curitiba: Profissão Mestre, set.200, p.10-13.
- RIBEIRO, E. J. T.** Alfabetização cinematográfica e audiovisual. *A Página*, Porto, ano 11, n.112, p. 46, maio 2002. Disponível em:<<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1875>>. Acesso em: 30 dez. 2007.
- SILVA, E. T.** *Elementos de pedagogia da leitura*, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

**Tabela 2 – Cronograma das atividades**

<b>Mês</b>	<b>Atividades</b>
Planejamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação da sala de aula</li> <li>- Questionário</li> <li>- Definição dos livros e filmes a serem trabalhados</li> <li>- Organização da sequência didática a ser implantada no projeto.</li> </ul>
Agosto (4 aulas semanais)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação e Debate do Anime Vida Maria</li> <li>- Apresentação de Morte e Vida Severina</li> <li>- Leitura e debate de um fragmento da obra</li> <li>- Produção de um slam sobre a obra, o qual será apresentado para a escola num momento cultural.</li> <li>- Encerramento das atividades: produção de textos utilizando as obras e os filmes estudados como base.</li> <li>- Reaplicação dos questionários.</li> </ul>
Setembro (4 aulas semanais)	<p>Introdução ao Modernismo brasileiro</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Faroeste Caboclo – Filme e Música</li> <li>- Produção de uma paródia da música, que será apresentado no momento cultural da escola.</li> </ul>
Outubro (4 aulas semanais)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação do Filme Vidas Secas</li> <li>- Leitura e debate de um fragmento da obra</li> <li>- Produção de um resumo sobre a obra</li> </ul>
Novembro (4 aulas semanais)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Introdução ao Naturalismo</li> <li>- O Cortiço</li> <li>- Apresentação do Filme O Cortiço</li> <li>- Leitura e debate de um fragmento da obra – Capítulo sobre João Romão e Bertoleza</li> <li>- Produção de um júri simulado de João Romão que explora a escrava Bertoleza, o qual enriquece com o trabalho dela.</li> </ul>
Dezembro	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criação e apresentação “sketch” teatral sobre a temática de uma das obras, em grupos de uma mesma turma ou salas de aulas diferentes, para ser apresentado no encerramento do ano para a escola.</li> </ul>

Fonte: Dados da Pesquisa, Nascimento, 2023.

**Tabela 3 – CRONOGRAMA MENSAL**

MÊS	ATIVIDADE	TURMA	BIMESTRE
AGOSTO	1	1º, 2º, e 3º séries	3º
SETEMBRO	2	1º, 2º, e 3º séries	3º
OUTUBRO	3	1º, 2º, e 3º séries	4º
NOVEMBRO	4	1º, 2º, e 3º séries	4º
DEZEMBRO	5	1º, 2º, e 3º séries	Culminância

Fonte: Dados da Pesquisa, Nascimento, 2023.

#### 4 – RELAÇÕES ENTRE AS OBRAS

<b>VIDA MARIA – RESUMO</b>	<b>VIDA MARIA - FILME</b>
<b>MORTE E VIDA SEVERINA – LIVRO</b>	<b>MORTE E VIDA SEVERINA – FILME</b>
<b>VIDAS SECAS – LIVRO</b>	<b>VIDAS SECAS – FILME</b>
<b>FAROESTE CABOCLO - MÚSICA</b>	<b>FAROESTE CABOCLO - FILME</b>
<b>O CORTIÇO – LIVRO</b>	<b>O CORTIÇO – FILME</b>

Fonte: Dados da Pesquisa, Nascimento, 2023.





## Sequência de Atividades para o Ensino de Literatura na EJA

### Animação "Vida Maria"

<https://www.saobernardo.sp.gov.br/web/cultura/-curta-metragem-brasileiro-de-animacao-vida-maria> (Fonte)

“Vida Maria” é um curta metragem, uma animação, lançada em 2006, produzida, escrita e dirigida pelo animador gráfico Márcio Ramos. Com narrativa de Márcio Ramos se passa no sertão do nordestino, e nos mostra a história de três gerações de Marias de uma mesma família. O filme foi bastante premiado.

A história inicia com uma menina de supostamente cinco anos chamada Maria José no sertão cearense. Enquanto tenta aprender a escrever, treinando a sua escrita a menina é interrompida pela mãe que aos gritos a chama a atenção para ajudá-la nos afazeres da casa. A menina, que tentava realizar as letras do nome, é interrompida pela insistência da mãe aos gritos. O olhar de agrado, serenidade e atenção com a escrita que rabisca no caderno é instantaneamente sucedido pelo olhar alarmado e atemorizado quando a mãe insiste e se aproxima.



#### Ficha Técnica

- Produção: Joelma Ramos, Márcio Ramos.
- Coprodução: Trio Filmes, VIACG.
- Roteiro: Márcio Ramos
- Edição: Márcio Ramos
- Direção de Arte: Márcio Ramos
- Edição de som: Márcio Ramos
- Computação Gráfica: Márcio Ramos
- Produção Executiva: Isabela Veras (Trio Filmes)
- Finalização: Link Digital
- Apoio: Colorgraf, Silicontech do Brasil Sftimage Cat.
- Mixagem: Érico Paiva Sapão
- Música: Hérlon Robson
- Storyboard: Michelângelo Almeida, Roberto Fernandez.
- Contador: Silvério Neto
- Transcrição ótica: Rob Filmes
- Tradução: Laura Lee
- Efeitos Sonoros: Danilo Carvalho
- Site: [www.viacg.com](http://www.viacg.com)
- Vozes: Márcio Ramos
- Revelação: Labo Cine

## Questões sobre a obra

### **VIDA MARIA**

---

1. Na obra de animação podemos visualizar uma região específica sendo retratada?
2. Que elementos do vídeo ajudam a confirmar?
3. Na obra quais são as Marias que são retratadas na obra?
4. Vida Maria pode ser comparada a Morte e Vida Severina? Justifique.
5. O trabalho infantil é denunciado na obra Vida Maria?
6. Na obra é retratada a falta de oportunidades da educação infantil? Justifique.
7. Na atualidade a realidade de Vida Maria ainda é encontrada? Justifique.
8. As oportunidades que as crianças têm hoje em relação à educação são melhores?
9. A vida social retratada em Vida Maria é comparável a vida da criança na cidade grande?
10. O que pode significar uma Vida Maria para você? Disserte sobre o tema.



## Animação adapta “Morte e vida severina”, de João Cabral de Melo Neto

<https://www.papodecinema.com.br/filmes/morte-e-vida-severina-em-desenho-animado/>

(Fonte)

Baseada na obra-prima de João Cabral de Melo Neto, que foi publicada em 1955, que revela a difícil travessia dos retirantes que fogem da morte certa no sertão na tentativa de fuga para uma vida melhor no litoral nordestino. Seguindo os padrões de auto de Natal (tanto que seu subtítulo é “Auto de Natal pernambucano”), a história é narrada por Severino, um entre tantos nordestinos castigados pelas secas que assolam aquelas terras.

Em 2012, a obra ganhou versão audiovisual, numa produção da TV Escola em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco, com o texto original de João Cabral de Melo Neto e desenhos baseados nos quadrinhos do chargista Miguel Falcão. Dirigido por Afonso Serpa, animação seguiu fiel à dura realidade que a vida Severina se mostra. Totalmente em preto e branco e com traços fortes, que nos remetem a xilogravura, o desenho demonstra a



dificuldade de uma vida severina. A trilha sonora ficou por conta de Lucas Santtana, e a voz que dá vida ao narrador-personagem é do ator e dramaturgo cearense Gero Camilo. Segundo os autores da obra seguiu-se o preto e branco, para dar fidelidade à severidade do texto e aos traços dos quadrinhos.

### **Ficha Técnica**

Filme brasileiro de animação ano de 2010 p&b

Direção: Afonso Serpa

Produção: Alexandre Fischgold

Músicas: Marcelo Jeneci, Lucas Santana, Rica Amabis, Siba Siba.

Gênero: Drama

### **Elenco:**

- Gero Camilo
- Lívia Falcão
- Jones Melo
- Vanda Phaelante
- Fábio Caio
- André Riccari
- Eduardo Japiassú

## Questões sobre a obra

### MORTE E VIDA SEVERINA

---

Após a ver o filme, o professor escolherá um trecho ou a obra completa para leitura em sala de aula.

1. Sobre Morte e Vida Severina, podemos afirmar que é um auto que explora a temática do nascimento?
2. A miséria, à qual muitos nordestinos são expostos é retratada no auto de Natal, pelo João Cabral de Melo Neto na figura de?
3. Na obra fílmica (uma animação) foi toda retratada em preto e branco como forma de caracterizar o que?
4. Podemos afirmar que a linguagem do texto reflete o tema, e a fala do autor sobre os temas sociais que abrangem o homem nordestino?
5. A obra, Os retirantes, de Candido Portinari, é uma mostra clara de Morte e Vida Severina, quando pensamos na fuga do nordestino da seca?
6. A figura de Severino pode ser caracterizada pela miséria, à qual muitos nordestinos estão expostos?
7. Quando o autor se refere ao adjetivo Severina, na expressão Morte e Vida Severina o qual dá nome a obra, a palavra Severina pode ser classificada como um destino de todos os nordestinos?
8. Podemos identificar características individuais no personagem Severino, que o torna um privilegiado em relação aos outros Severinos?
9. Visualiza-se em vários trechos da obra de João Cabral de Melo Neto, a fé do nordestino. Seria a fé a única força na qual Severino se apegava?
10. O regionalismo da obra é característica de qual região do Brasil?



## VIDAS SECAS

---

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Vidas\\_Secas\\_%28filme%29#/media/Ficheiro:Vidas\\_Secas\\_CN\\_0116A.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vidas_Secas_%28filme%29#/media/Ficheiro:Vidas_Secas_CN_0116A.jpg) (Fonte)

Baseado na obra de Graciliano Ramos, o filme retrata história de um casal que vive a seca do Nordeste por volta de 1941. Assim, pressionados pela seca, essa família de emigrantes formada por Fabiano, Sinhá Vitória, dois meninos e a cadela Baleia, atravessa a seca em busca de um lugar para sobreviver. Caminhando por um rio seco, eles chegam a um mocambo abandonado nas terras do fazendeiro Miguel, que em seguida ocorre uma chuva. Assim o pasto se recupera e o proprietário retorna com o gado, e a princípio os escorraça, mas Fabiano apela e se diz vaqueiro, e afirma que toda a família pode ajudar em vários serviços, e assim, conseguem permissão para continuar no lugar. A família mantendo a esperança de melhorar na vida, Sinhá Vitória sonha com uma cama de couro e Fabiano em ter seu próprio rebanho. Mas as dificuldades persistem e, apesar de tudo, o otimismo da família persiste e nova seca segue o caminho dessa família nordestina.



### Ficha Técnica

Filme brasileiro do ano de 1963 p&b

Direção: Nelson Pereira dos Santos

Produção: Hebert Richers / Luiz Carlos Barreto / Danilo Trelles

Roteiro: Nelson Pereira dos Santos

Gênero: Drama

Lançamento: 22 agosto de 1963

Orçamento: 18 milhões

### Elenco:

Para as filmagens foram usados muitos atores amadores, inclusive locais.

- |  |                    |
|--|--------------------|
| • Átila Iório como Fabiano             | • Inácio Costa     |
| • Genivaldo Lima                       | • Oscar Souza      |
| • Gilvan Lima                          | • Vanutério Maia   |
| • Orlando Macedo como soldado amarelo  | • Arnaldo Chagas   |
| • Cadela sem Raça definida como Baleia | • Gileno Sampaio   |
| • Maria Ribeiro como Sinhá Vitória     | • Manoel Ordônio   |
| • Jofre Soares como fazendeiro         | • Moacir Costa     |
| • Pedro Santos                         | • Walter Mointeiro |
| • Maria Rosa                           |                    |
| • José Leite                           |                    |
| • Antônio Soares                       |                    |
| • Clóvis Ramos                         |                    |
| • Gilvan Leite                         |                    |

## Questões sobre a obra

### VIDAS SECAS

---

Após a ver o filme, o professor escolherá um trecho ou a obra completa para leitura em sala de aula.

1. Na obra de Graciliano Ramos, vemos retratada a vida do sertanejo na sua busca por uma vida melhor. A migração poderia ser o principal fator exaltado pela história?
2. Na história Fabiano e Sinhá Vitória não tinham nenhum assistencialismo dos governos da época. O que podemos falar sobre o tema assistencialismo?
3. A fome retratada no texto de Graciliano Ramos, ainda é retratada na atualidade?
4. O romance de Graciliano Ramos focaliza uma família de retirantes, que vive numa espécie de mudez introspectiva, em precárias condições físicas e num degradante estado de condição humana. São caracterizados assim pelo fato de serem do interior do Nordeste?
5. Tanto Sinhá Vitória, quanto Fabiano tinham fé na providência divina de que as suas vidas mudariam em função do trabalho que lhes daria a vida farta de que tanto almejavam. Justifique.
6. Existe no romance uma visão de Fabiano, de que estariam levando uma vida de bicho, nesse sentido podemos afirmar que a pobreza foi o que estabeleceu essa identificação?
7. Quais são os motivos que levam o soldado amarelo a prender Fabiano?
8. Por qual motivo o Fabiano poupa a vida do Soldado amarelo quando tem a oportunidade de se vingar?
9. Quais semelhanças se encontraram em vidas secas que podemos observar também em Morte e Vida Severina?
10. Podemos caracterizar a obra de Graciliano Ramos como uma obra que mostra o regionalismo nordestino?

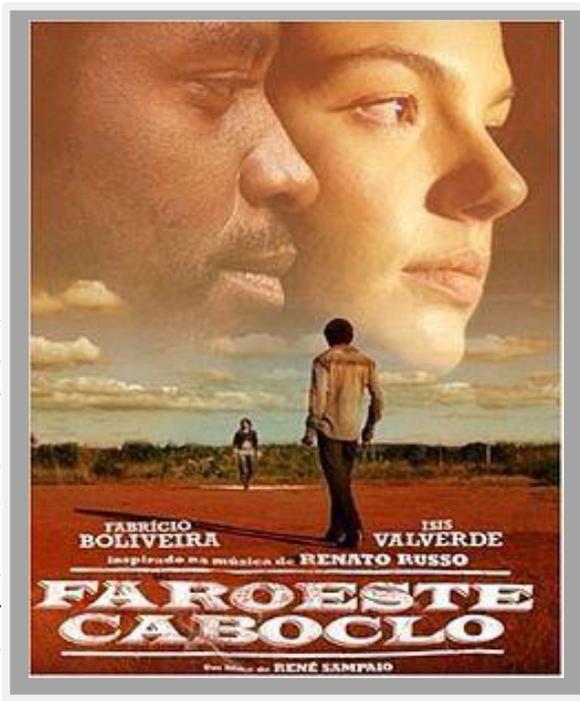


## **FAROESTE CABOCLO - Adaptação baseada na música de mesmo nome (Legião Urbana)**

<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-202601/>  
(Fonte)

### **SINOPSE**

A história se passa durante os anos 80, João que morava no vilarejo baiano de Santo Cristo resolve partir após a morte da mãe, porém antes vai atrás do assassino de seu pai. Sendo capturado após a vingança cumpri a pena e viaja até Brasília para se encontrar com um parente, o peruano e traficante Pablo. Já no Distrito Federal, ele conhece a estudante Maria Lúcia, com quem se relaciona e com quem gostaria de viver numa perspectiva de um futuro. Porém o seu envolvimento com o tráfico de drogas o torna conhecido como "João de Santo Cristo" e pode colocar tudo a perder, quando se descobre que há também outro traficante concorrente conhecido por Jeremias que virá a se tornar seu grande rival e onde a trama toda decorre.



### **Ficha Técnica**

- Título: Faroeste Caboclo
- Tempo de duração: 105 min
- Direção: René Sampaio
- Roteiro: Victor Atherino/ Marcos Bernstein/ José de Carvalho
- Baseado em: Faroeste Caboclo, de Legião Urbana
- Cinematografia: Gustavo Hadba
- Edição: Márcio Hashimoto Soares
- Companhias produtoras: Globo Filmes - Gávea Filmes
- Distribuição: Europa Filmes
- Lançamento: 30 de maio de 2013
- Idioma: Português
- Orçamento: R\$6 milhões
- Gênero: Drama
- Ano de lançamento (Brasil): 2013
- Produção: Daniel Filho

### **Elenco**

- Fabrício Boliveira
- Isis Valverde
- Felipe Abib como Jeremias
- Antônio Calloni como Marco Aurélio
- César Troncoso como Pablo
- Marcos Paulo como Ney
- Rodrigo Pandolfo como Beto
- Juliana Lohmann como Cris
- Flávio Bauraqui
- Cinara Leal como Teresa
- Léo Rosa como Telmo
- Rômulo Augusto como Saci
- Max Lima como João de Santo Cristo (criança)

### Questões sobre a obra

#### **FAROESTE CABOCLO - Adaptação baseada na música de mesmo nome (Legião Urbana)**

1. Através da obra Faroeste cabloco podemos observar a migração?
2. O personagem João de Santo Cristo pensava em ser bandido, como forma de revolta?
3. A história de vida de Santo Cristo se confunde com a de crianças que perdem suas famílias e vão parar em algum reformatório ou abrigo?
4. A esperança de João de Santo Cristo se renova com a possibilidade de ir morar em uma nova cidade?
5. Percebe-se no duelo de Jeremias e João de Santo Cristo, vestígios de uma ação antiga?
6. Sobre o romance de João de Santo Cristo e Maria Lúcia o que podemos observar?
7. Observamos que a história se passa em um período militar de ditadura. O que você sabe sobre essa época?
8. Quando fazemos a leitura visual da história, constatamos racismo e preconceito social? Comente.
9. O comportamento revoltado de João de Santo Cristo pode ser explicado pela sua infância difícil? Justifique.
10. O mundo do crime se mostra como uma forma fácil de ganhar dinheiro, na história de João de Santo Cristo. O que fazia ele querer ganhar dinheiro fácil?



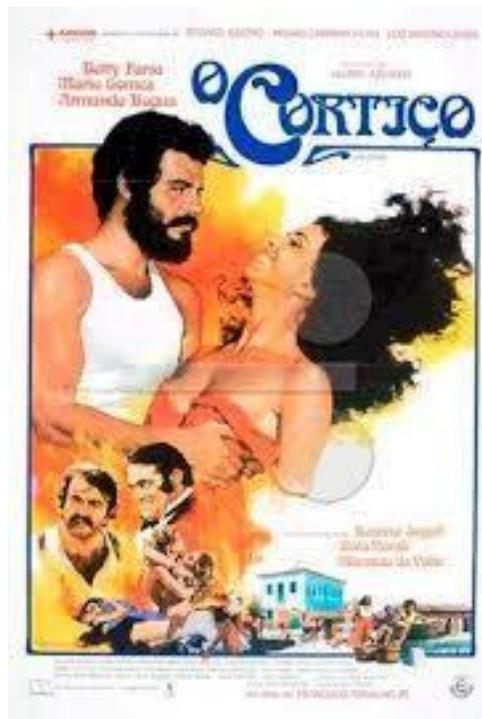
## O CORTIÇO

### SINOPSE

<https://www.cineplayers.com/filmes/o-cortico> (Fonte)

O Filme: O Cortiço foi baseado na obra de Aluísio de Azevedo, filme brasileiro do ano de 1945, apesar do filme ser considerado do gênero comédia, observamos muito drama em sua narrativa, que foi baseado no romance naturalista do brasileiro Aluísio Azevedo, publicado em 1890 onde é retratada a denúncia de exploração e as calamitosas condições de vida dos habitantes dos cortiços cariocas. O texto retrata o crescimento social do comerciante português João Romão, dono de uma venda, uma pedreira e um cortiço onde se passa grande parte da história, explora a pobreza de seus clientes e vê ali a oportunidade de ficar rico, assim explora a escrava fugida chamada Bertoleza que o auxilia no trabalho duro e para quem ele forjou um documento de alforria, para se aproveitar de seus trabalhos para enriquecer.

De acordo com Valentin (2013), *O cortiço* é um dos primeiros romances brasileiros a apresentar representações da homossexualidade. A esse respeito, afirma o autor:



[...] em *O cortiço*, conclui-se que a homossexualidade é representada de duas maneiras: a primeira delas, no caso de Albino, de modo estereotipado e oblíquo, na qual ela funciona como caracterizador de um tipo social; a segunda, no caso de Pombinha e Léonie, materializada sob a forma de ato sexual, no qual o desejo, concebido como instinto animal degenerado (por ser de orientação homoerótica e por vir de uma prostituta), emerge a partir da personagem Léonie. Nesse caso, no entanto, ela não se sustenta como algo duradouro, pois ela se resume àquele ato.

### Ficha Técnica

Filme brasileiro do ano de 1945 p&b

Direção: Luiz de Barros

Roteiro: Luiz de Barros

Elenco:

- |                                      |                             |
|--------------------------------------|-----------------------------|
| • Armando <u>Bógus</u> ...João Romão | • Ítala Nandi...Estela      |
| • Betty_Faria...Rita Baiana          | • Beatriz Segall...Isabel   |
| • Mário_Gomes...Jerônimo             | • Jacyra Silva...Bertoleza  |
| • Maria_Alves...Leocádia             | • Helber Rangel             |
| • Maurício do Valle...Miranda        | • Sílvia Salgado...Pombinha |
| • Jorge_Coutinho...Alexandre         | • E grande elenco...        |

## Questões sobre a obra

### O CORTIÇO

---

Após a ver o filme, o professor escolherá um trecho ou a obra completa para leitura em sala de aula.

1. A obra o cortiço foi protagonizada em terras brasileiras que poderíamos caracterizá-las como um ambiente de favela?
2. O personagem João Romão, era de origem?
3. Como a pobreza e a homossexualidade são retratadas na história do cortiço?
4. Podemos afirmar que o personagem Jerônimo, de origem portuguesa, abrigou-se ao envolver-se nos encantos de Rita Baiana?
5. A personagem Rita Baiana, pode ser considerada uma propulsora do feminismo?
6. Bertoleza, mesmo sendo enganada por João Romão, estaria ciente das circunstâncias em virtude do seu próprio favorecimento?
7. Qual era a intenção principal de João Romão para sua ascensão social?
8. Que tipo de desonestidades o personagem João Romão pratica para alcançar seus objetivos?
9. João Romão chega de Portugal e inicialmente começa a trabalhar para outro português na venda. Como ele chega a ser dono do negócio?
10. Quais escolas literárias observar-se na obra de Aluísio de Azevedo?



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar literatura num tempo curto em que as turmas da EJA são enquadradas no ensino, pode ser classificado com um grande desafio. É necessário se adequar aos novos recursos midiáticos para que a escola conserve a importância na educação e a mudança necessária para transformar o aluno num ser crítico, além de demonstrar as compreensões necessárias às linguagens e suas diferentes formas que se apresentam no mundo atual.

No momento vemos a literatura quase esquecida diante das profundas modificações que a educação vem sofrendo, sem esquecer que atualmente a tecnologia também tem influenciado profundamente a forma como a leitura e a literatura estão sendo apresentadas. Segundo Jean-Claude Chabanne (2009):

Um terceiro saber. Disponibilidade ao texto e desejo de literatura são fenômenos construídos, decorrentes tanto dos domínios cognitivos quanto afetivos. As pesquisas atuais em literatura e em antropologia cultural<sup>8</sup> se interessam pelas emoções e pelos laços que elas tecem com a cognição. É sobre a emoção e a intersecção que se constroem a relação estética e a literatura. Pela leitura sensível da literatura, o sujeito leitor se constrói e constrói sua humanidade.

Assim, a literatura sempre desempenhou um papel relevante na vida do homem, tendo como função a percepção do mundo em que vivemos e até a compreensão de nossas escolhas e vivências que podem de maneira individual moldar a nossa formação. É esse contato com a literatura que sensibiliza e que podem levar o leitor a provar uma experiência de forma significativa com a literatura.

Contudo, apesar da importância da literatura na formação crítica e cidadã dos indivíduos, esta pesquisa aponta o apagamento e silenciamento da literatura na BNCC e na Reforma do Ensino Médio. Como foi discutido, a literatura ficou reduzida a um conjunto de apenas nove habilidades amplas, genéricas e reducionistas, desconsiderando-se os conteúdos necessários para o ensino da literatura. Além disso, não há mais espaço para a literatura enquanto componente curricular. Fica relegada a um espaço reduzido nas aulas de português, sem a garantia de que se aprofunde a

---

<sup>8</sup> Principalmente os trabalhos de Jean-Claude Ameisen, difundidos no programa da emissora de TV France Inter, Sur lês épaules de Darwin[“nos ombros de Darwin”].

literatura e se dê uma formação crítica, cidadã e humanizadora para os alunos do ensino médio. Isso se agrava ainda mais na EJA, em que a carga horária é reduzida e não há currículos específicos para esta modalidade de ensino.

A partir da investigação realizada nessa pesquisa, no que concerne às ações do uso da literatura de forma fílmica, buscamos propiciar ao aluno, um encontro com esses textos, desenvolvendo uma aula diferenciada, que busca de forma atualizada transformar a vida literária da formação desses leitores, que têm através dessas obras a oportunidade de estímulos para sua participação e posicionamento diante desses textos que são escolhidos como parte da experiência literária necessária no âmbito escolar.

Desse modo, as atividades propostas para o trabalho de sequência didática no ensino de literatura, visam à construção de materialização dessas obras com textos e personagens que podem demonstrar visões de mundo e de fatos que elucidam vivências dos alunos a partir de suas experiências. É através das percepções dos alunos que a literatura pode ser resgatada e trazida de volta a sala de aula.

Nesse momento a literatura se vê pouco privilegiada em relação à educação e ao próprio cinema, que não produz tantas obras cinematográficas de clássicos de nossa literatura como outrora. Mas evidenciamos que a linguagem do cinema se mostra muito contemporânea, e o acesso cada vez mais fácil a esse tipo de tecnologia. A literatura tem um merecido papel nessa arte e, pode sim ser refletida como ponto de acesso as inúmeras obras que permitem seu uso nas aulas de língua portuguesa com foco na literatura. Segundo SILVA (2008):

Com relação à Literatura, parte integrante do ensino da Língua Portuguesa, o problema parece mais sério. Há um descaso com as práticas de leitura que beira o abismo educacional, as dificuldades dos alunos em interpretar e produzir textos coloca em xeque o aprendizado da língua nas instituições escolares, principalmente nas séries iniciais, o que, segundo Geraldí (2003, p. 41) caracteriza o “[...] baixo nível de desempenho linguístico demonstrado por estudantes na utilização da língua”. Por isso, faz-se prioridade nas aulas de Língua Portuguesa uma atenção especial às questões que envolvem as práticas de leitura de textos com ênfase aos literários.

Assim, o vínculo da literatura e o mundo fílmico são visíveis, quando visualizamos a quantidade de obras atuais, principalmente quando falamos em literatura estrangeira, que podemos trabalhar com nossos alunos, assim não permitindo que a literatura caísse no esquecimento em que a educação brasileira tenta jogá-la. Usar a obra fílmica não implica em necessariamente o esquecimento da obra literária, mas como

facilitadora do acesso a essa obra, que pode ser utilizada nas aulas de forma fragmentada, mas que o aluno já tenha acesso ao seu teor através da obra fílmica.

O aluno da EJA acaba que tendo como opção o uso dessas sequências didáticas no ensino de literatura, em virtude dos problemas enfrentados pela educação, que projetam cada vez menos inovações, que são necessárias ao ensino nessa modalidade, em virtude do resgate da disciplina de literatura e como forma de difundir essas obras ao conhecimento desses alunos.

Foi assim que surgiu a oportunidade de desenvolver um projeto de literatura que conseguisse trazer de forma rápida uma leitura completa de obras necessárias, que atendessem ao programa de ensino, e não apenas trabalhar os fragmentos como antes nos víamos obrigados a conduzir as aulas na EJA. Percebi que através das obras fílmicas conseguia envolver os alunos com o trabalho que iríamos desenvolver logo em seguida após a sessão de cinema.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que se sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência, e verificação, sem as quais não é possível proficiência (BRASIL, 1998b, p. 69)

Assim, nesse processo ativo, o aluno tem acesso aos fichamentos utilizados nessas obras literárias, aqui oportunizadas como fílmicas para buscarem respostas aos questionamentos que lhe forem surgindo durante a apresentação das atividades propostas. É nesse caminho caracterizado, que visualizamos as mudanças necessárias para o resgate da literatura nessas modalidades de ensino da EJA.

Transformar a leitura em um hábito é um grande desafio dos profissionais, mas não apenas para os da área de linguagens, mas de todos os profissionais que fazem da educação uma profissão. O professor pesquisador tem esse papel como norte, levantar todas essas questões e trazer essa inquietação para a sala de aula, transformando todos os nossos alunos em verdadeiros pesquisadores, capazes de transformar esses estudos em respostas para a vida.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, I. **Cinema**: o mundo em movimento. São Paulo: Scipione, 1995.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola**. O que é, como se faz. Edições Loyola 5ª edição, 2000.
- BRASIL. **LEI Nº 13.415, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017**. Conversão da Medida Provisória nº 746, de 2016. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Planalto, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF, 1998 a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em 10/04/2022.
- BRASIL. **LDB, Lei de Diretrizes e Base da Educação**, LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.
- BRASIL. MEC/Ministério da Educação. BNCC – Base Nacional Curricular Comum. MEC, Brasília, 2017.
- CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos humanos**. Ed. Brasiliense, 1989.
- CHABANNE, J.-C. Enseigner dès attitudes? Une notion omniprésente mais problématique pour la littérature et les disciplines culturelles et artistiques. In: Dubois-Marcain, D. (org.) **Français/littérature, socle comum: quelle culture pour les élèves, quelle professionnalité pour les enseignants?** Lyon: INRP, 2009.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor**: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações – São Paulo: Editora Gente, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes, **Literatura: Arte conhecimento e vida** – São Paulo: Peirópolis, 2000. – (Série consciência).
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1ª ed., 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2020.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: Teoria e prática. 2ª ed., 10ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2020.
- COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. – São Paulo: Contexto, 2020.

COSTA, T. A. A noção de competência enquanto princípio de organização curricular. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 29, 2005.

DALVI, Maria Amélia. Rezende, Neide Luiza de. Jover-Faleiros, Rita. Orgs. **Leitura de literatura na escola** – São Paulo, SP – Parábola, 2013. (Estratégias de ensino).

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Machado, Anna Rachel. Bezerra, Maria Auxiliadora. (organizadoras). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editora, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/adultos-no-municipio>

KARWOSKI, Acir Mário. GAYDECZKA, Beatriz. BRITO, Karim Siebeneicher. (organização) **Gêneros textuais reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

KUHN, Thomas. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo. Cortez, 1994.

LIMA, Balbina Bello. **Linguagem e pensamento em Piaget: Consciências metodológicas para o ensino de línguas**. Petrópolis, Vozes, 1976.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (understanding media), São Paulo – SP, Editora Cultrix, 4ª Edição 1974.

MONTEIRO, José Lemos. **Para aprender Labov**, Editora Vozes. Petrópolis – RJ – 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e Adultos como Sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, nº12, set- dez, ANPED, 1999.

PARANÁ, **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Secretaria de Estado da Educação do Paraná**. Diretrizes Curriculares da Educação Básica Língua Portuguesa. Paraná, 2009.

PORTO, A. P. T.; PORTO, L. T. O espaço do texto literário na Base Nacional Comum Curricular na etapa do Ensino Fundamental. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 43, n. 78, nov. 2018.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Ilustrações de Aldemir Martins - 83ª edição – Rio, São Paulo: Record, 2001.

RYAN, R. M., & DECI, E. L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. **American Psychologist**, 55(1), 68-78. Dóci: 10.1037/110003-066X.55.1.68

SANTOS, Vilson Pereira dos. **Sujeitos da EJA**: Entre o direito à educação, o mundo do trabalho e os muros da escola. 1ª edição. Palmas: Nagô editora, 2013.

SILVA, E. T. **Conferências sobre Leitura** – trilogia pedagógica. 2. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2005. Acesso em 10/03/2021.

SILVA, Julyana Moreira da, **Leitura, literatura e cinema na sala de aula**: uma cena/ Julyana Moreira da Silva; Orientação Maria Cristina Lima Panaiago Lopes. 2008.

SILVA, Norma Lúcia. **Reflexões sobre o ensino e formação de professores**: Pesquisa, materiais didáticos, novas tecnologias e práticas de ensino. Palmas – TO: Nagô Editora, 2011.

THEISEN, M. P. F.; TONIN, G. M. O.; CASSOL, C. V. O Apagamento da Literatura no Novo Ensino Médio Brasileiro. **Educação em Foco**. Vol. 27, N. 1, 2022, acesso em 19/11/2022.